

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso

Contratas com o
acolhimento institucional:
cartografando brechas de um
cuidado performático

Janaina Oliveira Steiger
Porto Alegre
2019

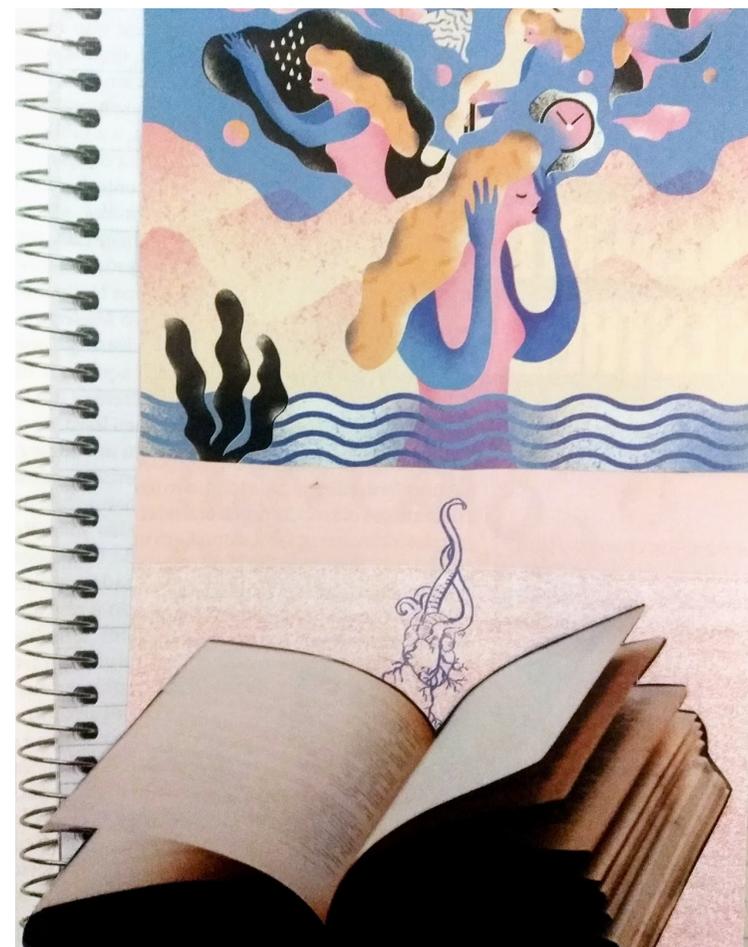
Janáina Oliveira Steiger

ENTREATAS COM O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL:
CARTOGRAFANDO BRECHAS DE UM CUIDADO PERFORMÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Psicologia – Habilitação Psicóloga
- do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial à
obtenção do grau.

Orientadora: Prof. Dra Gislei
Domingas
Romanzini Lazzarotto

Comentadora: Profa. Dra. Simone
Zanon Moschen



Porto Alegre, julho de 2019.

Resumo

O presente estudo propõe reflexões acerca do trabalho de educadoras do acolhimento institucional, tomando-o enquanto campo problemático ao evidenciar práticas de cuidado construídas e performatizadas socialmente. A concepção de trabalho parte de diálogos entre a clínica da atividade e a esquizoanálise e a performance é entendida sob a perspectiva de estudos de gênero, por entender-se que se trata de atravessamento importante na prática profissional dessas mulheres, com como de diversas outras, sobretudo no contexto da política de assistência social em que estão inseridas. Além disso, trata-se de posição ética e política de escrita, desde a escolha da bibliografia, composta majoritariamente por autoras, até a escolha metodológica: uma cartografia que acontece no encontro da experiência com a narrativa ficcional. Narra-se o tensionamento da autora com conceitos, teorias e práticas psi. Desses encontros decanta uma política de escrita que cria a narrativa ficcional, buscando a partir das vozes que habitam uma educadora do acolhimento institucional, narrar histórias de muitas, sob inspiração da noção ética e estética de escrevivência. A partir dela, pois, busca-se multiplicar as experiências de ser educadora, trabalhadora, mãe, mulher - ora em performance de cuidado ensaiada, previamente demandada; ora inventando possibilidades outras, entre o que é prescrito e o que é, de fato, realizado.

Palavras-chave: gênero, cuidado, acolhimento institucional, trabalho, cartografia.

Sumário

☞ <i>Entreabrir</i> : um encontro que se faz muitos	9
☞ <i>Ata I</i> : de que trabalho se trata?.....	18
☞ <i>Entreata I</i> : deixar sentir, multiplicar sentidos.....	36
☞ <i>Ata II</i> : quebrar caixas, cartografar aberturas possíveis.....	41
☞ <i>Entreata II</i> : páginas reencontradas, experiências que duram.....	63
☞ <i>Ata III</i> : duras dobras e dobraduras de uma perspectiva de gênero.....	67
☞ <i>Entre!:</i> acolhimento institucional em ato.....	83
☞ <i>Entrelinhas</i> :	93
• • <i>Referências</i>	111

• *Intervalo* : *en-tre-a-to*

substantivo masculino:

Intervalo entre os atos de uma composição teatral ou musical; entrecena.

Representação ligeira ou canto para preencher esse intervalo; interlúdio, intermédio, *intermezzo*.

• *Atar* : *a-tar*

Cingir ou apertar com laçada ou nó; amarrar, prender.

Prender(-se) por algum tipo de vínculo; unir(-se), vincular(-se)-
Obedecer às ordens ou vontade de alguém; submeter(-se),
sujeitar(-se):

Estabelecer ou iniciar relações: A mulher atou conversa com sua vizinha.

Vincular por meio de contrato; ajustar, contratar.”

• *Ata* : *a-ta*

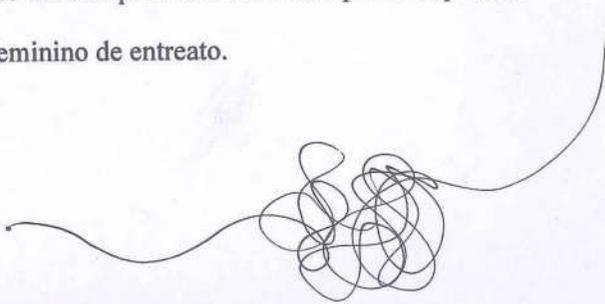
substantivo feminino:

Registro escrito no qual se indicam as resoluções tomadas por um conselho deliberativo e os assuntos tratados em uma reunião, assembleia, convenção etc.

Registro escrito de um compromisso contraído por uma pessoa.

• *Entreata* : feminino de entreato.

Entreatar



Agradecimentos

Agradeço aos encontros que me levaram a escrever, pelo contagiar e desacomodar. E aos que me permitiram fazê-lo, no caminho, pelo inspirar, acolher ou, tão somente, acompanhar.

Encontro com cada educadora-mulher-trabalhadora do acolhimento institucional que conheci durante período de estágio e que a mim permitiram conhecê-las e com elas aprender.

Também com a equipe técnica e administrativa da instituição, composta majoritariamente por profissionais mulheres incríveis que muito me ensinaram. Assim, agradeço à Mônica, Graziela, Marilda, Denise, Fernanda, Lígia, Neuza, Renata, Sandra, Cibele e Christiane. À minha dupla, parceira de construção, Carol; e à responsável pela continuidade da obra, Thaís - agradeço pelo vínculo de amizade construído que tornou tudo mais leve e possível.

Encontro, desde o início da graduação, com as amigas da faculdade, que levo para a vida, Paula, Larissa M., Luísa, Vitoria, Giovana A., Giovana F., Natália e Larissa G..

E com as amigas da vida, que levo para o resto dela, Luísa, Mariane e Mariana.

Encontro de vida, com minha mãe e meu pai, a quem agradeço pela paciência e apoio que me proporcionaram durante toda a vida, mas sobretudo durante os últimos semestres. À minha avó, que foi presença essencial nessa jornada de construção do que denominava ora “tecêcêcê”, ora “pecêcê”, em equívoco birrento.

Encontro com o coletivo das sete mulheres, seis tceceiras, a tecer trabalhos muito diferentes, mas compartilhando de olhares à diferença e angústias do processo, sob (z)elo da professora Gislei.

Encontro com a Gislei, responsável por plantar a sementinha da diferença, em todos os aspectos, abrindo caminhos diversos para semeá-la e sendo companheira nesse processo. Ela que, juntamente do prof. Luis Artur, a quem também sou imensamente grata, foram responsáveis por abrir brechas em muitas caixas dentro de mim. Assim, agradeço à Tuta, e às demais autoras e personagens, tanto acadêmicas quanto literárias, que me acompanham a sussurrar.

Encontro com Simone, pela presença e palavras inspiradoras que acompanharam, ainda que indiretamente, a escrita desse trabalho, e por aceitar o convite de encontrar-se, também, com ele, por meio da leitura.

Por fim e, diante do contexto sócio-político atual, com ainda maior relevância, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por representar, na minha trajetória, a potência da Educação Pública. Esta a qual todos deveriam ter acesso e que eu tive o privilégio de frequentar, mas também, e infelizmente, a oportunidade de vivenciar seu sucateamento gradual desde meu ingresso, em 2014. Assim, agradeço às professoras, professores, funcionárias e funcionários que, seja de que maneira, são responsáveis pela sua manutenção diária, apesar de todos os retrocessos, desvalorização e desmonte atuais.

Entreabrir
Um encontro que se faz muitos

Quanto minutos antes do horário marcado, dirijo-me à sala a fim de organizá-la para receber Carla. Arrasto a mesa ao lado, abrindo espaço maior para sentarmos, em cadeiras dispostas uma de frente para a outra. Deixo a porta entreaberta, em convite ao ingresso, e aguardo, incerta quanto à presença da agente educadora. A combinação fora feita por telefone, na semana passada, e o horário deixei a seu critério. Carla propôs-se a conversar após seu turno de plantão, a manhã. 13h15, horário marcado, coloco-me a esperá-la.

13h23, final de expediente. Caminho em direção à sede para conversar acerca do atendimento de menina acolhida na casa onde trabalho. Atrasada devido a imprevistos esperados - o momento de troca de turno costuma ser dos mais conturbados. Apresso o passo, mas ao chegar perto, paro para tirar o casaco que, vestido às pressas, antes mesmo do sol nascer, agora aquece mais do que o necessário. Mas é outono, e ao tirá-lo a brisa arrepia. Ainda bem que coloquei um agasalho na mochila da escola das crianças. A pausa distrai, mas continuo meu

trajeto, logo alcançando o prédio e direcionando-me à sala de atendimento da Psicologia: por fora, porta de ferro cadeada, cinza, típica de presídio, provável herança de outros tempos; por dentro, o contraste: vida em forma de brinquedos coloridos e paredes transbordadas de tinta entre marcas de mãos e pinceladas abstratas.

Carla chega, as bochechas rosadas e respiração ofegante denunciando um trajeto realizado às pressas. Entra na sala desculpando-se pelo atraso e contando o motivo. Mas não apenas.

Desculpo-me pelo atraso. Saída difícil da casa. Estamos sem cozinheira, moça da higienização faltou, a bebê acordou mal de saúde, tive que acompanhar no médico. Sabe como é né. Sabe? Mal iniciara meu plantão, tive de sair. Postinho cheio. Na volta, quase metade da manhã, meu colega ainda não havia pensado no almoço. Não só pensei, fiz. Ele ajudou. Chamo as crianças, dou banho, mexo o feijão. Escolho roupa, enxugo, cuido a galinha no forno. Penteio o cabelo, arrumo a casa, varro o chão. Coloco roupa na máquina, casaco na mochila, criança na mesa. Adolescente na rua. Faltou perna, braço. Cabeça, para ir buscar e trazer para casa. Confiro a escala de saídas. Espero o transporte para escola, dentista, psicóloga, fonoaudióloga. Judô, centro de convivência, futebol. Ligaram, o colega avisa: um

motorista faltou. Duas consultas reagendadas, vão ficar em casa. Explico, limpo as lágrimas de frustração, desfaço a mochila. Busco na cabeça atividade para entreter. Peço pro colega fazer as bebês dormirem. Busco no armário papel e canetas. Avisto o livro de atas. Esqueci de escrever. 12h57. No automático, a mão começa o registro. Em três minutos cabe apenas o que se quer ler e o que deve ter sido feito. O que pode vir a ser cobrado depois. Alimentação provida, consulta acompanhada, quem saiu, quem ficou. Para a Justiça, se averiguar. Chão varrido, louça lavada, roupa na máquina. Pros colegas, certamente vão se certificar. O resto é resto. É nosso. É meu. A dupla do próximo plantão chega e lembra. Esqueci de preparar o nosso café, nem consigo fazê-lo, pois tinha compromisso marcado aqui. Conversa sobre menina acolhida, referente a seu atendimento psicológico. Isso também registrei no livro. A conversa, não o café.

Respiro, mais ofegante do que chegara. Teria mais a falar, sobre hoje e tantos outros dias. Dou-me conta, no entanto, de que a esse espaço poderiam tampouco interessar tais informações ali despejadas. Não cabe. E calo. Antes que minha interlocutora, provavelmente, o faça por mim. Elas não gostam de ouvir-nos falar. Elas as técnicas, as entendidas. Diante da impossibilidade de dar-nos respostas imediatas e resolutivas. Não escutam. Mas falam. Dizem que a-gente, educadora, não

perde uma oportunidade de palestrar, reclamar. Se abre uma brecha, não consegue mais parar. Então, faço justiça à fama. Temos muito a dizer, de fato. Mas não foi para isso que fui chamada ali. Nunca é. Assim, prontifico-me a conversar, a escutar sobre a menina.

Carla fala muito, emendando palavras como quem emenda as atividades e afetos de que fala. Sobrepostas. Olhar desviado, a maior parte do tempo. Guardando, no canto do olho, uma lágrima. Hesitante em deixar-se mostrar. Fico com vontade de ouvir mais. Mas ela silencia, como se aguardasse por algo. Busco, nos olhos que agora me fitam, decifrar o que esperam. Talvez um parecer pronto e algumas hipóteses amparadas teoricamente. Deveria tê-lo preparado? Por enquanto, trouxe a escuta.

Diante do silêncio da minha interlocutora, conto da menina. Acompanho-na desde seu acolhimento na instituição. Aproximadamente uma década atrás. Ela chega com dois anos, junto de seus três irmãos. Motivo: negligência da mãe. Caso típico, em número, gênero e grau. Caso típico que tão cedo não sai. Em número de irmãos, em gênero da negligência, em grau de desamparo. Lembro de acompanhar as primeiras visitas dos pais, quando ainda o faziam. Acompanhar as lágrimas do

encontro. E as da separação. Lágrimas de presença-ausência. Secar as primeiras gotas do que se tornou apenas ausência. Juiz proibiu. Julgou a mãe negligente, inapta a cuidar. Sobrou pra-gente. O cuidado não negligente. Protetivo? Diante do espaço vazio no tempo, no peito. Ocupar. Distrair com brinquedo, música, papel, caneca. Ineficaz. Abraço, beijo, palavra. E pode? Me pergunto até hoje. A psicóloga vai dizer que sim, função materna. O papel vai dizer que deve, mas nem tanto¹. Os racionais talvez dissessem que não, é preciso saber separar o profissional do pessoal. E eu, às vezes sinto que sim, outras prefiro não. Tão difícil tanto sentir, sendo trabalho. Tão difícil trabalhar tanto, sem senti-lo. E sem querer, é o que acabo levando para casa, a minha. Mas é também o que me move a voltar para a casa, a de trabalho. Onde a menina, então, segue. Sob um risco sempre possível de saída por adoção. Possibilidade almejada. Possibilidade dolorosa. Dor egoísta.

¹ As Orientações técnicas de serviços de acolhimento institucional propõem que é função do(a) educador(a) criar vínculos afetivos, mas também deixam claro que não é papel deles(as) a substituição das figuras familiares. (BRASIL, 2009)

A gota contida escapa. Subversiva.
Pode chocar, é o que tanto transmitirei
com os olhos.

Como se precisasse autorizar.

Meu olho pinga, desenhando na pele caminho de sal. Deixo escorrer, lutando contra o reflexo de levar a mão no rosto. Apagar os rastros. Entrego ao evaporar e aguardo palavras que façam o tempo passar mais rápido, distraíndo do sentir da lágrima na minha bochecha. Aguardo pelas palavras de orientação. Ajuda? Mantenha os adolescentes em casa. Não deixe os acolhidos em cômodos sozinhos. Faça limpeza contra piolhos uma vez ao dia. Ajude nos trabalhos da escola. Dê atenção. Estimule a autonomia. Reconheça as necessidades particulares de cada acolhido. Aja de acordo com elas. Mantenha constância em seus atos. Mantenha consistência como equipe. Falado em forma de conselhos, dicas, sugestões.

Entendido enquanto imperativo. Paráfrases de manuais, artigos e leis. Uma lista de 'tem-quês' a encaixar num cotidiano de trabalho onde predomina o que "dá" pra ser, em detrimento do que "deve" ser.

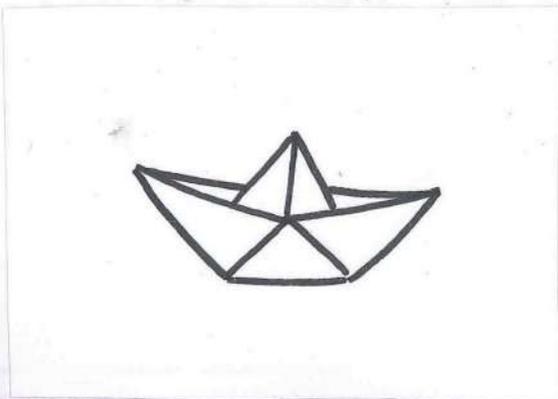
O olhar úmido desvia.
Percebo que pouco falei, durante toda a nossa conversa. Poderia agora finalizar com uma fala bonita, teoricamente consistente. Tenho vontade, porém, de escutá-la mais. Compreender melhor. Restam perguntas, para ela, também. Mas não só. E assim, engulo as frases prontas e travo uma batalha com a tendência psi de ter de falar, urgência em ter algo a dizer. Ferramenta de manutenção de um lugar. Acima. E calo, por não conseguir falar. Por ter muito o que ouvir.

E começo a descer.

Desse lugar. Alto. Degrau
por degrau, e não sem dificuldade.

Sigo em busca de espaços, pessoas, palavras,
para compreender melhor, levando comigo as minhas questões.

Proponho-me, ainda, a continuar mais escutando, do que falando. Sem a pretensão, no entanto, de encontrar respostas, não todas, não absolutas.



É preciso sair da ilha
para ver a ilha.
- José Saramago

Ata I: de que trabalho se trata?

Reunião

Início: meados dos anos 90

Término: 2019

Estiveram presentes Bakhtin², Vygotsky³, Clot⁴, Deleuze⁵, Guattari⁶, Barros⁷, Louzada⁸, Vasconcellos⁹ e Amador¹⁰. Citados

² Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), filósofo e teórico russo com relevante e vasta obra sobre a linguagem, a qual dialoga com estudos em diferentes campos de conhecimento: semiótica, crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia.

³ Lev Vygotsky (1896-1934), psicólogo bielorusso, realizou pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e das relações sociais nesse processo, perspectiva do Sócio Construtivismo..

⁴ Yves Clot, psicólogo do trabalho e pesquisador do CNAM (Conservatoire National des Arts et Métiers), em Paris

⁵ Gilles Deleuze (1925 - 1995), filósofo francês, obra voltada para a filosofia da diferença. Encontra Félix Guattari e juntos criam a esquizoanálise nos anos 70 na França.

⁶ Félix Guattari (1930-1992), pensador francês, psicanalista, um dos criadores da problematização institucional que criou a análise institucional, crítico da psicanálise escrevendo com Gilles Deleuze o Anti-Édipo e o Criando o movimento esquizoanálise

⁷ Maria Elizabeth Barros de Barros, pós doutora pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz

⁸ Ana Paula Louzada é mestra em Psicologia Social e doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo

⁹ Danielle Vasconcellos, mestra em em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo

¹⁰ Fernanda Spanier Amador, mestra em Psicologia Social e doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

por ordem de chegada. A reunião deu início em meados dos anos 90. Partiu-se da leitura da ata do último encontro, a qual se debruçou, como pautas, sobre a psicologia cognitiva do trabalho, ergonomia e psicodinâmica do trabalho. [como secretária e relatora, fico também responsável por ler, deparando-me com uma ata confusa, participantes que chegavam e falavam concomitantemente, não parecendo interessados em escutar uns aos outros]. A leitura inspirou os participantes a proporem as pautas a serem tratadas nesta reunião, a saber:

1. Atividade
2. Gênero e estilo
3. Esquizoanálise

Clot¹¹ começa com a palavra, explicando o porquê de iniciar a reunião nos anos 90, momento em que começam a tomar forma suas ideias acerca de uma Clínica da Atividade, sendo acompanhado, paralela e posteriormente, pelos demais presentes. Posto isso, retoma pontos da ata lida, de onde parte sua fala, utilizando-se também de conhecimento prévio decorrente de seu contato, direto e indireto, com participantes

¹¹ CLOT, 2006

daquele momento, como Leplat¹², Wisner¹³ e Le Guillant¹⁴. Assim, introduz a discussão apontando a importância do estudo acerca do trabalho no âmbito da psicologia, não apenas como mais uma instância que compõe a vida dos sujeitos, mas tomando-a como aspecto central e com função psicológica específica, esta sobre a qual essa reunião pretende aprofundar-se. Clot, remetendo-se novamente à reunião anterior, enfatiza a importância que ela exerceu para a psicologia do trabalho e, mais especificamente, para a vertente fundada por ele, a Clínica da Atividade. Dessa forma, esclarece que não possui a pretensão de refutar, de todo, as contribuições de seus colegas, mas propor solução dialética a questões ainda não solucionadas - e que talvez jamais o sejam completamente¹⁵.

Após, dá-se início às apresentações dos participantes, com a introdução, por Clot, de seus convidados, Bakhtin e Vygotsky, como importantes inspirações para as proposições que pretende expor no decorrer da reunião. Bakhtin é apresentado como filósofo e semiótico, já conhecido pelos demais presentes por

¹² Jacques Leplat, psicólogo francês, referência da comunidade científica em psicologia do trabalho e ergonomia, com relevantes estudos a respeito da análise psicológica da atividade, nos anos 80 e 90.

¹³ Alain Wisner, 1923-2004, médico francês, fundador da ergonomia centrada na atividade

¹⁴ Louis Le Guillant, 1900-1968, médico psiquiatra francês, considerado um dos principais líderes de um grupo de fundadores da Psicopatologia do Trabalho e da Psicoterapia Institucional na França.

¹⁵ CLOT, 2006

postular teoria da linguagem divergente às ideias de Saussure¹⁶ [estranho a presença de Vygotsky, pois sempre o relacionei ao campo do desenvolvimento infantil ou educação, tendo conhecimento também das críticas a respeito de suas proposições, comumente consideradas ortopédicas¹⁷]. É com muita admiração que Clot se refere a Vygotsky, apresentado como importante psicólogo russo que, além de evidenciar a existência e importância dos afetos, propõe uma visão acerca da psicologia que a aproxima intimamente à arte, colocando ambas “a serviço do desenvolvimento do poder de agir dos sujeitos sobre si mesmos e sobre o mundo”¹⁸.

As apresentações seguem, tomando a palavra Barros, Louzada, Vasconcellos¹⁹ e Amador²⁰ grupo que se apresenta como tal e, apesar de terem chegado um pouco depois, quando a discussão já havia iniciado, possuem consistente trajetória teórico-prática no tema, desenvolvendo estudos e intervenções no Brasil. [é notória a surpresa de Clot frente à presença desse grupo na reunião, surpresa traduzida em expressão

¹⁶ Ferdinand de Saussure, 1857-1913, linguística e filósofo suíço, fundador da linguística como ciência moderna, propõe, dentre outras ideias, a dicotomia entre língua, como objeto de estudo da linguística e de caráter socialmente convencional, e a fala, como de âmbito individual. (PINHEIRO et al., 2016)

¹⁷ MACHADO, 2005.

¹⁸ MACHADO, 2005, p. 259

¹⁹ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

²⁰ BARROS; AMADOR, 2017

provocativa, a qual parece impelir as pesquisadoras e pesquisadores ainda mais a apresentar suas proposições]. Foram elas e eles que arriscaram ao convidar Deleuze e Guattari para compor a reunião, a fim de possibilitar o encontro entre eles e Clot, cujos conceitos possuem similitudes importantes entre si, estas que se tornam ainda mais ricas quando colocadas em interlocução. Assim, o grupo apresenta ambos os pensadores como as principais referências da filosofia da diferença, e faz questão, ainda, de evidenciar enquanto objetivo, tanto de sua presença, quanto do ousado convite, o de “sujar” as propostas de Clot, fazendo “rizomar esses suportes teórico-metodológicos com a perspectiva ética-estética-política de Deleuze”²¹ e Guattari. Isto é, não apenas complementar a teoria do autor, mas expor, com a contribuição de seus convidados, uma perspectiva original, elaborada e aplicada há anos por pesquisadoras e pesquisadores brasileiras, ali representadas pelos que puderam se fazer presentes.

[não tenho certeza se foi a intenção, mas esse posicionamento me pareceu uma - ótima - resposta à primeira reação de Clot]

É Barros²², também, quem lembra do compromisso dos ali reunidos em resistir à tendência histórica de uma psicologia do trabalho adaptativa e a serviço das organizações. Nesse sentido,

²¹ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008, p. 15

²² BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

lembra vertentes conceituais e metodológicas cujo objeto de estudo compreende as tarefas que compõem um trabalho já conhecido, intervindo nos trabalhadores a fim de adequá-los a elas. Clot²³ complementa, apontando a psicotécnica como representativa dessa vertente, que surge alinhada ao taylorismo, na época, mas que ainda hoje pode ser vista, em seus resquícios e desdobramentos igualmente adaptativos, mostrando consonância com o sistema econômico capitalista atual.

A partir dessa colocação, dá-se início à discussão acerca das pautas previamente elencadas.

1. Atividade

Pauta fora sugerida por Clot, quem também inicia a discussão, apresentando a atividade como conceito básico que dá o nome à proposta conceitual-metodológica elaborada e conduzida por ele, a Clínica da Atividade, a qual faz parte das chamadas Clínicas do Trabalho que, por sua vez, representam a terceira geração de psicólogos do trabalho francofônicos²⁴. Continua pormenorizando sua proposição que toma como ponto de partida a concepção do trabalho não como simples tarefa, mas uma atividade dirigida, que ultrapassa o que é prescrito ou o que deve ser realizado, enfatizando a potência de ação e transformação dos trabalhadores sobre a sua atividade.

²³ CLOT, 2010

²⁴ CLOT, 2006; 2010

Clot lembra, ainda, que esse conceito fora citado na ata da reunião anterior, quando Leplat, uma das principais referências da psicologia cognitiva, já apontava à diferenciação entre tarefa e atividade. Distinção esta que fora, também, trazida por Wisner, representante da Ergonomia e responsável por tensionar o foco atribuído aos processos cognitivos por Leplat, deslocando-o, por sua vez, ao corpo dos trabalhadores. Dessa maneira, caracteriza a psicologia ergonômica também por seu método de estudo e intervenção, o qual é baseado na observação e, por conseguinte, debruça-se sobre os processos conscientes relacionados aos trabalho. Seguindo esse aspecto, Clot traça um terceiro e último contraponto, concluindo a retomada a fim de contextualizar brevemente a herança histórica da teoria a partir da qual fala. Trata-se da psicopatologia do trabalho, que, ao contrário das demais perspectivas citadas, dedicou-se aos processos inconscientes e subjetivos relacionados à atividade, estes acessíveis através da fala, da escuta e da conversa, em detrimento da observação. Além disso, Le Guillant, como representante dessa vertente na última reunião, juntamente de outros autores da psicopatologia do trabalho, foram responsáveis por trazer à luz aspectos negativos do trabalho, isto é, os processos de sofrimento passíveis de decorrer dele²⁵. [com essa fala, Clot praticamente resume, de maneira melhor

²⁵ CLOT, 2006; 2010

organizada, embora resumida e rápida, as questões abordadas na última reunião]

A partir dessas colocações, Clot lamenta a ausência de Dejours²⁶ e Schwartz²⁷ na reunião, a quem pensara em convidar, mas imaginou que as discussões poderiam tomar proporções maiores do que o espaço da reunião seria capaz de abarcar. Entretanto, não deixa de fazê-los presente, reconhecendo a relevância de seus estudos que acompanha de perto até então e representam duas fundamentais vertentes. São estas a psicodinâmica do trabalho, cuja herança advém da psicopatologia do trabalho e tem como referência Dejours; e a ergologia, cuja influência localiza-se nos preceitos da ergonomia e é representada por Schwartz. A este último, por sua vez, Clot complementa a caracterização, mencionando as importantes parcerias que estabeleceram, sobretudo no início de seus estudos acerca da psicologia do trabalho.²⁸ O autor finaliza sua contextualização histórica situando ambas as linhas teórico-metodológicas como componentes, juntamente com a

²⁶ Christophe Dejours, médico francês, psicanalista e professor no Conservatoire National des Arts et Métiers

²⁷ Yves Schwartz, filósofo francês, reconhecido como fundador da abordagem ergológica, corrente da análise pluridisciplinar de situações do trabalho emergente da Ergonomia Francesa.

²⁸ Clot publicou obra em conjunto com Yves Schwartz e Jean Yves Rocheur, intitulada "Les caprices du flux. Les mutations technologiques du point de vue de ceux qui les vivent", e também escreveu tese de filosofia sob sua orientação (CLOT, Y, 1992, *apud* MACHADO, 2005)

Clínica da Atividade, do que se considera a terceira geração da psicologia do trabalho francofônica.²⁹ [então, percebo que Clot, de forma quase monológica, muito expôs sobre suas inspirações e colegas, mas pouco sobre os conceitos e metodologias que orientam a sua prática, enquanto clínico da atividade, movida por um interesse e curiosidade que poderiam não ser apenas meus, resolvo externalizar minha questão]

Clot sugere a passagem para a segunda pauta, mas é interpelado pela secretária, que questiona acerca do posicionamento da Clínica da Atividade acerca de questões tanto conceituais, referentes à dicotomia atividade e subjetividade, quanto metodológicas, atinente à problemática da observação versus fala. O autor, como resposta, intensifica sua posição conciliatória e dialética. Assim, explica sua proposta de reconceituação da observação, não contrária, mas “em companheirismo com a ergonomia (...), uma concepção psicológica da observação, que mostra que quando se observa, isso deixa traços junto ao observado. E o analista do trabalho vai se servir desses traços (...) para fazer a análise”³⁰. Debruça-se, pois, sobre o diálogo e palavra suscitados a partir da observação de uma atividade. Esta a qual, como mencionado por Clot no início da reunião, é tomada como atividade dirigida,

²⁹ CLOT, 2006; 2010

³⁰ CLOT, 2010, p. 224

e enquanto tal, não pode ser limitada à tarefa prescrita, restando lacuna entre essa tarefa e a atividade realizada. Nesse momento, Vygotsky pede a palavra, apontando para a subjetividade localizada nesse espaço e que move os trabalhadores a agirem de uma forma, e não de outras. Assim, expõe a importância de considerar, além do trabalho realizado, as alternativas de ação não realizadas, que permanecem enquanto possibilidade, permeadas de afetos e emoções que Vygostky considera centrais, podendo atuar como instrumento de ação e ampliação do poder de agir dos trabalhadores. São essas possibilidades que Clot considera parte do que denomina como o real da atividade, que não é jamais contemplado apenas pela atividade realizada e observável.³¹

[]

³¹ CLOT, 20106, 2010.

[um silêncio segue, em tentativa, acredito, por parte dos participantes de assimilar tanta informação e conteúdo, fruto de muitos anos de estudo, livros e artigos, ali condensadas em algumas falas. se eu pudesse, pediria desculpa, de antemão, à futura relatora e leitora dessa ata, por possível confusão de ideias ou maneira demasiada resumida de aqui registrá-las]

A secretária sugere que seja iniciada a segunda pauta e demais participantes concordam.

2. Gênero

A pauta do gênero, apesar de proposta por Clot³², é introduzida por Bakhtin, cuja fala desvia o foco da discussão, antes alicerçada em conceitos majoritariamente do âmbito da psicologia. Assim, desde seu lugar de linguista e semiótico, expõe sua teoria acerca dos gêneros discursivos, como contraponto às ideias de Saussure, que dicotomiza a fala e a linguagem, considerando-as, respectivamente, do campo do individual e social. Bakhtin, por sua vez, expõe na reunião sua teoria que refuta a concepção de fala enquanto mera criação individual, ao tomar como reprodução ou recriação de gêneros pré-definidos, variando em tema e composição, bem como

³² CLOT, 2010.

moldados segundo formas de enunciado já existentes e construídas socialmente.³³

Inspirado pela fala de Bakhtin, Clot³⁴ aproveita para expor o conceito de gênero, que complementa seus estudos acerca do que há entre a tarefa e a atividade, e o que é trabalho prescrito e o que é trabalho real. Assim, explica que o gênero profissional compreende as regras, práticas e saberes compartilhados entre um coletivo de trabalhadores em determinado local de trabalho, com forte origem cultural. Apesar de não necessariamente oficializados, na forma verbal ou escrita, esses preceitos são transmitidos de diferentes formas entre os sujeitos, seja por uma memória impessoal, pela história ou de maneira subentendida, no próprio fazer.

Barros, Louzada e Vasconcellos³⁵ ajudam Clot na explicação, evidenciando a diferenciação das prescrições, que são da ordem da organização e assim, estáveis; em relação ao gênero profissional, caracterizado, por sua vez, pela processualidade. Isto é, tanto construído quanto modificado pelos sujeitos em atividade, mantendo estado de constante transformação. Amador complementa, sinalizando a importância do gênero

³³ BAKHTIN apud PINHEIRO et al, 2016

³⁴ CLOT, 2006; 2010

³⁵ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

enquanto da ordem do coletivo, a qual retira os sujeitos de sua individualidade, norteados e permitindo erros comuns.³⁶

Um comentário é acrescentado, entretanto, de que o conhecimento e domínio acerca dessas regras e saberes compartilhados que o compõem é importante não apenas para sua aplicação prática no labor dos trabalhadores, mas também, e fundamentalmente, para que sejam estranhados e, por conseguinte, ultrapassados. Clot³⁷ completa, explicando que esse processo de singularização se dará por meio do estilo de cada sujeito, que o imprime no fazer de sua atividade e é responsável pela plasticidade do gênero. Nesse sentido, parte-se de regras gerais e coletivas para, através da estilização singular do trabalhador, possibilitar mudanças, que incorporar-se-ão ao gênero. A partir dessa fala do autor, Amador aponta ao compromisso, comum às clínicas do trabalho, com a interlocução entre as dimensões do coletivo e singular, em detrimento da dicotomia comumente estabelecida entre elas por parte de outras vertentes metodológicas, muitas das quais tendem a privilegiar o individual.³⁸

[nesse momento, salta aos meus olhos uma mudança no curso da discussão, então marcada por uma maior polifonia e

³⁶ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008; CLOT, 2006, 2010.

³⁷ CLOT, 2006

³⁸ BARROS; AMADOR, 2017

revezamento do protagonismo da fala, antes ocupado majoritariamente por Clot]

A menção ao estilo remete, então, ao caráter de invenção do trabalho, à semelhança da arte e poética enquanto criação, que já fora anteriormente introduzido por Clot, sob inspiração vigotkiana. Entretanto, é Barros quem retoma, nesse momento da discussão, pois dele parte a proposta, não apenas dela, mas do grupo de pesquisadoras brasileiras, de interlocução com as ideias de Deleuze e Guattari. Estes, até então quietos, fechados em suas próprias proposições teóricas, são convidados pela autora a compor a discussão, dando início à terceira pauta

3. Esquizoanálise

Antes de aprofundar a discussão acerca da esquizoanálise, entretanto, as autoras, compartilhando a fala, trazem mais uma vez à luz a riqueza dessa oportunidade de diálogo, até então propiciado de maneira indireta, por meio de estudos e intervenções realizados por elas³⁹, ali representando um vasto grupo de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros. [Clot mantém-se em expressão de sutil surpresa frente a essas colocações, e agora parece incomodado, desconfortável na

³⁹ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008; BARROS; AMADOR, 2017

posição de ouvinte em que essa terceira pauta o coloca, majoritariamente]

Deleuze inicia sua participação, apresentando a noção de devir, enquanto conceito norteador de seu pensamento e que compreende um movimento de desterritorialização e reterritorialização, sem pré-definições e com duração processual⁴⁰. Assim, Barros evidencia a interlocução possível entre essa concepção e a ideia, proposta por Clot, de uma atividade sempre em movimento, em ambas as direções e com velocidades diversas, por meio do qual é possível aos trabalhadores inventar novos modos de existência, ampliados a partir do estilo.⁴¹

Guattari aproveita o momento e inclui-se na discussão. Aponta para a importância de colocar ênfase nos processos que ocorrem no plano micropolítico, como denominado por ele noutras ocasiões, em parceria com Deleuze. Lembra, então, que não se trata de um plano menor, ao que o prefixo 'micro' poderia remeter, mas um "espaço de livre trânsito dos devires"⁴². Esse espaço, coloca Louzada⁴³, dialoga com o fosso ao qual Clot menciona como existente entre a tarefa prescrita e a tarefa real, e que a autora propõe ser necessário para o trabalhador sair de sua figura molar, do plano macropolítico, e entrar em devir.

⁴⁰ DELEUZE *apud* BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

⁴¹ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

⁴² BARROS; AMADOR, 2017, pp. 66

⁴³ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

Dessa forma, o sujeito é percebido como trabalhador molecular, cuja potência de agir é intensificada no plano da composição, da transformação, em detrimento da organização⁴⁴.

[a partir dessas falas das pesquisadoras, e acredito que uma futura relatora e leitora possa ter a mesma impressão, pareceu-me que elas estavam exercendo papel apenas de mediação e costura de conceitos. fiquei intrigada, querendo saber mais e resolvi voltar-me a elas - perdendo a simpatia de Clot, definitivamente]

A secretária endereça questão ao grupo de brasileiras, buscando saber maiores detalhes sobre seus estudos e aplicação, sobretudo no contexto brasileiro. As pesquisadoras respondem em forma de pistas, resumindo a fim de situar um pouco suas proposições e linhas de trabalho. Amador e Barros⁴⁵ trazem questões de uma vertente institucionalista, fazendo rizoma, também, com conceitos e metodologias da análise institucionais. Vasconcellos, por sua vez, representa seu grupo⁴⁶ e conta da experiência de pesquisa no contexto do trabalho docente, a qual encontrou, como caminho metodológico, utilizar a autoconfrontação cruzada, muito utilizada na Clínica da Atividade, mas sustentando-se também na cartografia, como

⁴⁴ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008; BARROS; AMADOR, 2017

⁴⁵ BARROS; AMADOR, 2017

⁴⁶ BARROS; LOUZADA; VASCONCELLOS, 2008

tentativa de acompanhar esses movimentos processuais e devires próprios do trabalho, bem como de tantas outras instâncias da vida. Barros finaliza, então, movida não pelo esgotamento do assunto, mas devido ao tempo - mais de 20 anos se passaram, desde a chegada do primeiro participante. Entretanto, faz questão de enfatizar que a exposição dessas experiências brasileiras são apenas exemplos, parte de uma vertente de estudos e intervenções muito ampla e potente. Estes os quais, por si só, mereceriam uma reunião, dedicada tanto a aprofundá-los, como também a contemplar os desafios suscitados pelo trabalho contemporâneo, a partir das particularidades que apresenta. Deixa o convite.

[seria essa uma forma delas mesmas, enquanto clínicas da atividade, singularizarem seu fazer, a partir de um estilo que lhes é próprio, e assim, ampliar seu poder de agir, criar e - por quê não? - fazer arte?]

Dou por encerrada a reunião. Assinam os ainda presentes:

Clot, Barros, Amador, Louzada e Vasconcellos.

*“Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma*

*A vida não pára
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa”*

Lenine - Paciência



Introdução I: deixar sentir, multiplicar sentidos

Saio da reunião pensando sobre as agentes educadoras. Enquanto trabalhadoras. Algo impele-me à sala da psicologia, para onde retorno. Sinto a fala de Carla ainda ressoando - em mim, nas paredes pintadas. No meu caderno de notas. Um deles, de três. Dois completo, outro quase. Este que busco na minha gaveta, soterrado dentre livros, documentos e textos teóricos. Abro na última página escrita. Por ela. Por mim. Sobre ela, Carla. Um relato narrado, trêmulo e apressado. Entre reuniões. Minha própria ata, para eu mesma. Não precisa, ninguém vai ler, nem cobrar. Documento de palavra-testemunha da minha presença em mim.

Releio. Relembro. "O que dá" em detrimento do que "deve ser". Repito. Anseio em saber mais, compreender melhor essa lacuna. De falta, sim, como a educadora me conta. Falta de estrutura, recursos humanos, materiais, apoio. Precarização. Entretanto, há algo mais. Lacuna, também, entre o que exige a função de trabalho e de cuidado, que parece transbordar o âmbito meramente profissional e prático. Ela hesita tocar no sensível. Hesita tocar onde lhe toca. Não deve? E dá?

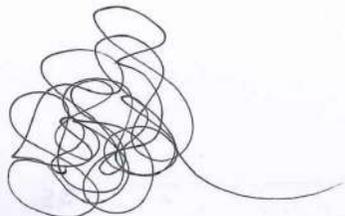
Sou impelida a escrever. Um trabalho? Creio que sim. Sei das regras, normas, convenções - do prescrito? E o que é que dá? O que quero eu escrever?

Volto-me à gaveta, lançando as perguntas a meus livros e textos, como se pudessem oferecer-me respostas. Retiro-lhes, um a um. O primeiro que encontro são as Orientações Técnicas⁴⁷, e delas gritam as vozes de autores e autores, a elencar atributos requeridos aos profissionais, dentre outros. Continuo a folhear os demais papeis, outrora lidos. Dados estatísticos, intervenções, revisões, reflexões críticas sobre o assunto. Ser educador/a, cuidador/a, trabalhador/a⁴⁸. Textos grifados, adornados em lápis por rabiscos-inquietações. Diálogos meus com textos que, agora espalhados pela mesa, entre si conversam. E desconversam.

Releio, um a um. Do texto impresso, alinhado, ao sub-título que sob linhas tortas, desajusta. Quebrando o silêncio de margens em branco. Texto marginalizado. Quero escrever. Quanto mais leio, porém, mais parece ser insuficiente basear-me apenas naquelas(os) autoras(es), seus conceitos e proposições, por mais pertinentes que me pareçam. Arrisco breves parágrafos, a fim de organizar suas ideias, propondo

⁴⁷ Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes (BRASIL, 2009)

⁴⁸ CAVALCANTE; CORRÊA, 2012; MEDEIROS; MARTINS, 2018; OLIVEIRA, 2016; GIROTTO; AMADOR, 2016



novas rigorosamente referenciadas. Encaixoto-as, em frases justificadas. Ainda assim, algo incomoda. Faz ruído. Parece não dar conta. Buscar encaixar experiências em teorias. Não faz sentido. Não faz sentir. E pode sentir? Pergunto-me, assim como o faz Carla. Me vejo também hesitante.

Tenho vontade de escrever. Mas como? Como dar lugar ao sensível, sem invisibilizar os dados de realidade e correndo o risco de uma romantização? Como evidenciar as faltas materiais, sem superficializar? Como ir além do caráter pejorativo da lacuna, sem negá-lo? Após exaustiva revisão teórica, as perguntas já não me parecem poder ser respondidas por aqueles papéis. Estes dentre os quais, então dispostos desordenadamente sob a mesa virada em folhas preto e branco, uma ponta colorida ganha destaque. Provoca. A capa estampada de um dos meus cadernos de anotações, até então encobertos, novamente. Resgato aquele aberto, ainda, nas palavras de Carla. Abro espaço a eles. Abro espaço a elas.

Quero. *Preciso escrever*, arrisco afirmar. Mas como escrever sobre a experiência de outras pessoas, sem tomá-la enquanto pessoal e possibilidade única?

Entreolho, mais uma vez, as páginas sob a mesa. E escuto Joan sussurrar, por meio de conjunto de páginas grampeados, amplamente grifadas, em meio às demais. A autora me lembra, então, dos riscos de visibilizar, sem contextualizar. E sopra, em

meu ouvido, um conceito de experiência⁴⁹ que me desacomoda. Me movimenta.

O tempo urge, está na minha hora. Deixo os papéis onde estão, a conversar. Levanto e, de um ímpeto, levo os cadernos comigo. Saio apressada da sala e começo a descer as escadas que me distanciam da pequena sala da psicologia. As perguntas ecoando. Reverberando.

Distraio-me.

Tropeço em pensamentos, ideias e afetos.

Desequilíbrio.

E caio.

*Algo quebra-se, dentro
de
mim*

⁴⁹Joan Scott (1998), que critica a ideia de experiência enquanto ponto originário de uma análise e assim, prova incontestável e com capacidade de visibilizar categorias e fenômenos ditos invisibilizados. Visibilidade que, ao prescindir de exame crítico, "reproduz, mais do que contesta, sistemas ideológicos dados"(p.302), bem como essencializa identidades. Assim, a autora aponta a importância de contextualizar e historicizar a experiência, propondo que "não são os indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos por ela." (p. 304). Nesse sentido, Scott acredita que se trata de um acontecimento linguístico. Isto é, que não pode ocorrer fora de significados pré-estabelecidos, compondo o discurso que, por sua vez, constitui os sujeitos.

"Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar - em suma, seu feito era nunca ter opinião sobre nada ou vontade própria (...)

Fiz de tudo para esgará-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. "

- Virginia Woolf - Profissões para mulheres

Ata II : quebras caixas, cartografar aberturas poríveis

Início: início dos anos 90

Final: 2019

Estiveram presentes Suely Rolnik⁵⁰, Tânia Fonseca⁵¹, Virgínia Kastrup⁵², Laura de Barros⁵³, Luis Artur Costa⁵⁴, Luciano Bedin⁵⁵, Maria Elizabeth Barros, Danielle Teixeira, Francine Bottoni⁵⁶, Luana Barossi⁵⁷, Lissandra Soares⁵⁸ e Paula Sandrine⁵⁹. Primeiramente, foi lida a ata da última reunião, onde estavam presentes Walter Benjamin, Roland Barthes, Michel Foucault,

⁵⁰ Suely Rolnik, psicanalista e crítica de arte, professora titular da PUC-SP

⁵¹ Tânia Mara Galli Fonseca, psicóloga e professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

⁵² Virgínia Kastrup, psicóloga e professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

⁵³ Laura de Barros, psicóloga e pós-doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

⁵⁴ Luis Artur Costa, psicólogo e professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

⁵⁵ Luciano Bedin Costa, psicólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

⁵⁶ Francine Bottoni, Psicóloga, Mestra em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

⁵⁷ Luana Barossi, Doutora em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa e professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

⁵⁸ Lissandra Soares, Psicóloga, Mestra em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

⁵⁹ Paula Sandrine, psicóloga e professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Gilles Deleuze e Félix Guattari [leio com dificuldade de acompanhar e vontade de ler novamente. conteúdo denso e repleto de conceitos complexos, trazidos em linguagem erudita, os quais não retiram, de forma alguma, sua pertinência, mas restringem o público leitor, tornando-se inacessível a pessoas que poderiam beneficiar-se de suas reflexões]

Após, é aberto momento de decisão das pautas a nortear a reunião. Virginia, entretanto, posiciona-se a favor de não delimitarem ainda, ao menos num primeiro momento, na medida em que os prováveis assuntos muito dificilmente podem ser previstos ou segmentados, da forma como habitualmente organizam-se as pautas. Isto é, acredita que o andar da reunião ditará os fluxos de pensamento do grupo.

Suely inicia lembrando a todas e todos o motivo do encontro. A caixa de ferramentas⁶⁰ quebrou, anunciou. Não ferramentas quaisquer, mas ferramentas de pesquisa acadêmica. Cerne de toda a ciência, sua transmissão e verdade. Ou ao menos era assim que a denominavam e assim colocava-se a importância de tal artefato, então em parte estilhaçada, parte rachada. Não se

⁶⁰ Uso inspirado em conceito de Gilles Deleuze, proposto em conversa com Foucault, quando afirma que “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou.” (Deleuze, apud Foucault, 2008)

sabe como, nem por quem. Pouco importava agora, há muito multiplicavam-se os interessados em fazê-lo, insatisfeitos com a forma, material e normativas das quais era constituída a caixa.

┌ Quadrada, quatro pontas milimetricamente calculadas em linhas que se cruzavam apenas com fins de continuidade, seguindo direções previamente estabelecidas por fórmulas equacionais, tudo encaixado, protocolado. ┘

Matéria-prima dura, grossa, justificada por alguns devido a sua resistência, estes que se vangloriavam, apostando na força do material feito de certezas inabaláveis, inquebrantáveis, tal qual a caixa. Esta que, entretanto, quebrou. Deterioração do tempo que, com ajuda de mão humana, evidenciou a insuficiência daquela caixa de ferramentas, da maneira com que estava constituída. Desde então, circula a imagem da caixa esfacelada, cercada por resquícios de verdades partidas, protocolos esburacados, dogmas que já não mais encaixavam e linhas que, partidas, multiplicavam-se em seus pedaços, de forma a não mais caber em equação alguma. Suely expõe a foto ao grupo, e Tânia aproveita para continuar.

A autora conta que, diante desse acontecimento, divergiram-se reações na comunidade acadêmica, e um grupo foi formado para pensar acerca das providências quanto ao futuro da caixa de ferramentas da pesquisa acadêmica. Grupo pensado para ser o mais heterogêneo possível, buscando problematizar a controversa neutralidade. Assim, seus integrantes estão recebendo propostas e sugestões das próximas ações em relação ao artefato. Reconstruí-la à maneira anterior? Reconstruí-la com diferente(s) forma(s) e matéria(s)-prima? A comunidade dita “científica”, com afinidade positivista e que na caixa sempre apoiou-se, estremeceu. Juntou-se, com urgência, munindo-se de argumentos.

A reunião atual foi chamada, pois, também com esse objetivo. Suely retoma a palavra para apontar suas e seus componentes como importantes figuras de referência de uma vertente que interroga o que é fazer ciência e compartilha de posicionamento ético-estético-político comum, ou semelhante, ali representado, sobretudo pela Cartografia, suas variações e métodos criados no percurso das condições que produzem um a pesquisa. Compõem, assim, o grupo que vibrou com o acontecimento de quebra da caixa, sob a qual há muito vinham fazendo pressão. Cabe a ele, pois, construir uma proposta a ser apresentada ao grupo responsável pela escolha. Luis Artur toma a palavra para contribuir à introdução, enfatizando que esta

escolha, isto é, ser incorporado ou não ao artefato, terá papel de valorização e ampliação de suas ideias, mas não terão influência direta em seu fazer, bem como de muitas e muitos pesquisadoras e pesquisadores que já trabalhavam nessa perspectiva, senão ignorando, mantendo-se paralelos aos trabalhos “enquadrados”. Nesse sentido, o autor remete à ata anterior, enfatizando o papel fundamental de inspiração das ideias colocadas na última reunião, a qual conseguiu reunir, ao longo de suas décadas de duração, pensadores que constituem as bases, sobretudo filosóficas, das ideias propostas pelos e pelas presentes.

Assim, a secretária abre espaço a contribuições para a proposta, seguida por muitas as vozes concomitantes que se colocam, atropelando-se. *[consigo captar algo de comum dentre elas, que não se contrariam, mas confundem-se e impedem a minha compreensão. busco atentar-me um pouco a cada um que me convoca, procurando pelas ideias compartilhadas, mas também localizando suas singularidades. no entanto, acabo cedendo e]*

Diante da confusão, a secretária pede a palavra e sugere começarem pelo início, questionando “o que são ferramentas de pesquisa acadêmica, afinal?” *[minha intenção é simplificar e auxiliar, propondo um ponto de partida, mas as expressões que tive como resposta em nada acolheram minha questão].*

Luciano tensiona, propondo, como resposta, outras perguntas: “como manuseamos essas ferramentas?”, “para quê elas servem?”, “a serviço de quem elas estão?”. Explica, ainda, que o método cartográfico não busca definir, explicar ou representar um objeto, fenômeno ou sujeito, tal como são, pois parte do princípio de que essa essência de ser, enquanto a-histórica e imutável, não existe⁶¹. Suely⁶², remetendo-se à menção da secretária a um suposto ‘início’, aponta também outra retificação, argumentando que a cartografia não parte de ponto algum como inicial, pois entende tanto seu objeto de pesquisa, quanto o ato de pesquisar/cartografar, como marcados pela processualidade. Dessa forma, eles não serão revelados ou protocolados, mas acompanhados e transformados, respectivamente. Ambos criados⁶³.

Maria Elizabeth *[voltando-se a mim, e provavelmente movida pela lembrança de que eu relatara também outra reunião em que ela estava presente]* auxilia na explicação, a partir do exemplo prático de suas pesquisas acerca do trabalho enquanto atividade em constante transformação⁶⁴. Conta que se apoia na cartografia como um de seus principais dispositivos metodológicos, acreditando que ela “implica uma aliança com o

⁶¹ COSTA, Luciano, 2014

⁶² ROLNIK, 2006

⁶³ ROLNIK, 2006; BARROS; KASTRUP, 2010.

⁶⁴ TEIXEIRA; BARROS, 2009;

que está em movimento, tendo como foco a multiplicação de possíveis e a produção de subjetividade nos processos de trabalho”⁶⁵.

[pergunto-me se seriam, também, as reuniões, enquanto complexificadoras de sentidos, espaços de cartografar de conceitos]

Virgínia intervém e retoma o foco da reunião *[não explicar à secretária o be-a-bá do método cartográfico, mas organizá-lo enquanto proposta de constituição da nova caixa de ferramentas]*, mas aproveita a repercussão do questionamento da secretária e, voltando a atenção para a imagem anteriormente apresentada por Suely, aponta a peça “o que é?”, que antes compunha a rígida estrutura da caixa e agora jaz, quebrada, ao seu lado. O - que - é?. A autora alerta que a ciência moderna, e seu representante grupo, muito provavelmente sustentará a proposta de reconstitui-la, juntar as peças e fortalecer sua estrutura, pois nela apoiam-se suas pesquisas, as quais isolam o objeto de estudo de suas relações e processos históricos⁶⁶. Assim, sugere que apresentem como proposta cartográfica, em contraponto à manutenção da peça “o que é?” (a qual pode remeter a uma “simplicidade homogênea e total”⁶⁷), a construção de outras peças, a fim de multiplicar possibilidades.

⁶⁵ TEIXEIRA; BARROS, 2009, p. 89

⁶⁶ BARROS, KASTRUP, 2010; COSTA, FONSECA, 2016

⁶⁷ COSTA, FONSECA, 2016, p. 139

Ao lado do “que”, pois, poderiam ser adicionadas peças de “como”, “para”, “por”, “quem”. Suely corrobora e complementa, arriscando a sugestão de uma peça a mais, em aberto, fazendo lacuna necessária à criação própria ao pesquisador⁶⁸. Dessa forma, da antiga peça única “o-que-é”, fazer-se-ia um jogo, com diferentes peças a serem jogadas, escolhidas e criadas pelo pesquisador, à medida que a caixa manipula e não sem critério, mas seguindo as demandas e fluxos que o objeto de pesquisa impõe, no processo de cartografar.

[E pode manipular? Me pergunto, sabendo que a caixa, antes de quebrada, era guardada e fiscalizada de forma a restringir seu manuseio apenas por especialistas, com o cuidado necessário para que não fosse modificada. Ouvi boatos de que eram necessárias luvas, a fim de evitar qualquer contaminação, sujeira, resíduos. Luvas esterilizadas, cinzas. Neutras. Respondendo às propostas do método científico positivista⁶⁹. Atrevo-me a perguntar.]

A secretária questiona acerca da manipulação da caixa mencionada, buscando saber a posição do grupo quanto a isso. É Luciano quem responde, sugerindo que essa questão fosse incluída, também, como componente da proposta em

⁶⁸ ROLNIK, 2006

⁶⁹ BEDIN, 2014

construção, pois acredita ser fundamental que se modifique a relação entre os pesquisadores e as ferramentas de pesquisa, as quais a caixa contém e representa. O autor parte da ideia de que o pesquisador “se mistura com o que pesquisa, e isso faz parte de sua cartografia”⁷⁰, propondo que a caixa tenha seu acesso facilitado, tanto no que se refere ao público, abrindo a possibilidade para outros campos de saber - acadêmicos ou não - fazerem uso dela; quanto no que tange às “regras de uso”, como chamadas anteriormente, as quais prezavam pela assepsia. Assim, propõe, como contraponto, a abertura a possíveis “sujeiras” deixadas pelos pesquisadores, por considerá-las inevitáveis em se tratando de pesquisas em que o cartógrafo posiciona-se dentro do campo estudado, e não distante ou neutro em relação a ele, acabando por levar muito de si⁷¹.

A partir dessa colocação, Francine intervém, sugerindo cautela quanto a esse aspecto que, apesar de ter importância sumária, demanda adendo, com vistas a evitar críticas em relação a suposta falta de rigor, ao qual a cartografia não se furta, pelo contrário. Entretanto, trabalha a partir de uma concepção de rigor desatrelada a uma verdade rígida e totalizadora, relacionando-a, por sua vez, à afirmação da complexidade de seus campos problemáticos⁷², esta que só

⁷⁰ COSTA, Luciano, 2014, p. 71

⁷¹ COSTA, Luciano, 2014

⁷² COSTA, Luis Artur, 2014; BOTTONI, COSTA, 2018;

poderá ser acompanhada a partir da abertura e disponibilidade a seus movimentos⁷³, como já mencionado anteriormente. Nesse sentido, Luciano sugere que se explicita que essa “sujeira” à qual se referem remete à criação, em detrimento de desleixo. Faz-se importante, ainda, uma cautela especial para evitar que os princípios e valores morais do cartógrafo sobrepujam o que o campo lhe apresenta. Para tanto, Suely sugere que se coloque como princípio, um “antiprincípio: um princípio que obriga a estar sempre mudando de princípios”⁷⁴.

Assim, segundo a proposta do grupo quanto à caixa, o pesquisador poderá manipulá-la, modificando sua forma e deixando suas marcas, mas permanecerá atento a cada uma delas, acompanhando e registrando-as, com o cuidado de distinguir o que é seu, e o que é do objeto estudado. São estas marcas as quais, ao longo da pesquisa - e nunca antes dela - darão forma à caixa, tornando-a singular e desenquadrada.

Desenquadrada e desencaixada, propõe Suely, dando seguimento com a questão da forma. Retoma, da reunião anterior, a multiplicação e/ou desmanchamento de linhas própria da esquizoanálise⁷⁵, cuja criação e consolidação fora realizada por Deleuze e Guattari. Essa ideia embasa, dentre outros, o argumento de manutenção dos pedaços das linhas agora

⁷³ COSTA, Luciano, 2014

⁷⁴ ROLNIK, 2006, p. 68

⁷⁵ ROLNIK, 2006

quebradas. Para além desses desvios e jogo de linhas, a autora volta-se, ainda, à tampa, antes calculadamente ajustada para fechar. Fechar sentidos, tamponando imprevisibilidades, paradoxos e estranhezas por meio da tampa da coerência e da interpretação. Seguindo posicionamento ético-político-estético da cartografia, pois, sugere a existência de uma tampa que dificilmente se fecha de forma completa, permanecendo entreaberta ou escancarada. Dessa maneira, assumem-se as múltiplas saídas de uma pesquisa, deixando brechas à inconclusão, com a qual também é possível se fazer uma pesquisa⁷⁶. Luciano enfatiza, então, que essas pesquisas talvez não tanto expliquem, mas multi/impliquem sentidos⁷⁷, fazendo e deixando furos nas proposições consideradas inabaláveis e, sobretudo, nas forças de verdade que as sustentam.

A partir dessa fala, Suely relaciona com a matéria-prima da caixa, considerando-a aspecto fundamental, ao dizer do que compõe a estrutura dessa caixa de ferramentas - essa caixa-ferramenta -, dando-lhe forma. Propõe, pois, que não mais a restrinjam a materiais duros, impenetráveis, supostamente resistentes e à prova de erros. Abrindo espaço à porosidade, transparência e flexibilidade de materiais como papel, isopor e plástico, por exemplo. Nesse sentido, a autora lembra que a

⁷⁶ ROLNIK, 2006; BARROS; KASTRUP, 2010; COSTA, Luciano, 2014.

⁷⁷ COSTA, Luciano, 2014

cartógrafa “serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas, nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou tratado de filosofia.”⁷⁸ Luciano complementa e aponta para a importância de valorizar o que caracteriza ‘ralo’⁷⁹, isto é, não apenas grandes acontecimentos e fatos, mas situações e sujeitos aparentemente corriqueiros e ordinários.

[o andar da discussão lembra-me do ‘protocolo’, peça jazida na imagem, ao lado de outras igualmente desencaixadas. pergunto-me, então, qual destino teria lhe sido dado pelo grupo, em sua proposta. imagino que pudesse divergir opiniões. as mais radicais poderiam sugerir sua extinção, dado que nenhum protocolo pré-definido daria conta de algum encaixe. outras, por sua vez, poderiam apostar na sua transformação, um material diferente, quizá, maleável, flexível, permitindo buracos e prescindindo da busca pela emenda perfeita. mas considerando uma composição híbrida. eu poderia colocar isso em questão, e talvez houvesse um bom acolhimento e repercussão na discussão. mas prefiro não complexificar, ainda mais. o que vai de encontro ao que vinha sendo proposto até então, admito.]

⁷⁸ ROLNIK, 2006, p. 65

⁷⁹ COSTA, Luciano, 2014

por outro lado, também abro mão de uma resposta para contentar-me com as possibilidades de minhas próprias hipóteses, inconclusas.]

É Virgínia quem toma iniciativa de finalizar, em parte, a discussão, retomando o que fora discutido ao longo dela. Tratar-se-ia, pois, de uma caixa-ferramenta em que linhas seriam prescindidas, multiplicadas; e novas peças inseridas, como “quando”, “por”, “como” e “quem”, justamente ao lado das antigas e enferrujadas peças “o” “que” “é”. Quanto às regras de uso, estas seriam reformuladas e flexibilizadas, não sendo mais seu uso restrito a acadêmicos, por exemplo. Nesse sentido, a essas e esses usuárias e usuários seria permitida a manipulação e transformação da caixa, não sendo necessário tampouco limpar possíveis manchas deixadas, ao longo de um processo de pesquisa. Entretanto, essa flexibilização de regras não pressuporia desleixo ou destruição da caixa, mas sim criação, atenção e cuidado.

No que tange à sua forma, a proposta é que ela estivesse em constante transformação, não sendo possível prever em que formato tornar-se-ia, ao final de seu uso. Ademais, seria preconizada a manutenção de aberturas, ora da tampa, ora de furos e aberturas em sua estrutura. Por fim, recorda o último aspecto, quanto ao material do qual a caixa seria constituída,

não limitado a um, mas vários, desde os mais firmes e duros, até os maleáveis e translúcidos - e nem por isso menos resistentes.

Após esse resumo, então, coloca outro ponto a ser debatido, a saber, a maneira com que serão expostas essas ideias ao grupo responsável pela escolha. Um burburinho segue, cada autor presente revirando suas próprias caixas de ferramentas, em busca de respostas. Francine antecipa-se e propõe, então, que se utilizem da ficção, grande aliada da cartografia, ao requerer “uma postura inventiva, de encontro e de constante narração e reinvenção de si e do processo de pesquisa”⁸⁰. Continua, sugerindo que componham, coletivamente, uma narrativa desse momento, da reunião que agora vivenciam. Pergunta ao grupo se o que estavam fazendo ali não era cartografia, afinal, enquanto movimento processual e polifônico de construção de uma ideia complexa, repleta de aberturas, possibilidades e criação. Ideias que, compartilhadas e trocadas coletivamente, entraram em devir. Maria Elizabeth posiciona-se parcialmente a favor, mas questiona acerca da ficção, sugerindo que se utilizassem da ata, enquanto registro, ao invés da ferramenta ficcional. *[arrepiei, diante da possibilidade de lerem esse documento, cujo valor é de verdade, escrito por mim - e se eu compreendia mal alguma informação? registrara de maneira equivocada ou incompleta?]*

⁸⁰ BOTTONI; COSTA, 2018

Luis Artur toma a palavra em favor da ficção, respondendo-lhe também em forma de pergunta, a qual volta ao grupo. Questiona, assim, se a ata não teria tanto valor de realidade quanto qualquer conto ficcional. Logo, é também quem responde, com a proposição de que “real a ficção também o é”⁸¹. Justifica seu argumento apontando que, na medida em que fora registrada por alguém, algo inevitavelmente é perdido e transformado, em maior ou menor medida, pois essa pessoa, assim como qualquer outra, é incapaz de transcrever, literalmente, o que ouviu, acabando por registrar o que conseguiu absorver, entender e colocar em palavras escritas⁸². Essas palavras não são mais de quem falou, mas de quem as escreveu, também. Então, Lissandra aproveita o tema, que lhe é muito caro, pois movimentou a partir da escrita de histórias em sua pesquisa⁸³, e inaugura sua participação na reunião. Assim, corrobora a ideia de Luis, mas primeiramente contextualiza, contando que pesquisara sobre mulheres negras, para após, explicar o porquê do adendo. Assim, compartilha o que Conceição Evaristo⁸⁴ lhe ensinou: contar as histórias de

⁸¹ COSTA, Luis Artur; 2014, p. 553

⁸² COSTA, Luis Artur; 2014

⁸³ SOARES, Lissandra Vieira. *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: 2017, 123p.

⁸⁴ Conceição Evaristo, escritora, graduada em Letras, Mestre em Literatura Brasileira, Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

mulheres por meio de sua própria história como trabalhadora e pesquisadora negra, tornando possível colocar-se “no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade”⁸⁵. Coloca como questão ao grupo, também, a reflexão de Conceição: “então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando contadas”⁸⁶.

[e eu, que permaneci em silêncio na majoritária parte do tempo, e ali era considerada também autora daquele escrito, de certa forma, fui tomada pelo alívio, ao perceber que durante toda a reunião incomodava-me o fato de não conseguir registrar tudo, tendo de selecionar e modificar o que ouvia. ali percebi, no entanto, que buscando escrever de forma literal, acabei escrevendo de forma literária].

Tânia acrescenta e justifica a ficção também como forma de surpreender e conquistar os leitores, não por meio de bajulação e conversão, mas ao conduzi-los pelo processo de construção das ideias, permitindo, por conseguinte, o contato e contágio

Vasta publicação em romances, contos, crônicas e poesia, nos quais mantém uma “escrita de denúncia da condição social dos afrodescendentes, num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética”

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>.

⁸⁵ SOARES, 2017, p.52.

⁸⁶ EVARISTO, 2016; p. 7

com uma experiência que é da ordem do sensível⁸⁷. Apresentar a proposta do grupo utilizando-se da narrativa ficcional seria, portanto, colocar em prática o que estão propondo, isto é, uma mudança de paradigma e hibridização metodológica, refletidas também na escrita acadêmica. Escrita esta que, tradicionalmente, propõe-se a explicar um fenômeno, através de argumentos coerentes e referenciados, buscando encontrar a pretensa verdade, organizada e rigorosamente delimitada. A escrita ficcional cartográfica, por sua vez, objetiva ressoar e afetar o leitor, pois parte da posição ética que considera a impossibilidade de atingir um saber absoluto e real, preconizando sua problematização e complexificação⁸⁸.

Luis Artur reforça e aponta, ainda, a potência da poética para compor cartografias, sobretudo ficcionais. Nesse sentido, afirma que ela “pode servir especialmente por sua capacidade em não fechar os “objetos” em delimitações duras, conjuntos fechados e totalizados por critérios ou descrições estritos: a poética permite a ambiguidade, a obscuridade que faz conviver o que era impossível pensar em conjunto”⁸⁹. Luana, também inspirada por Conceição, traz o caráter de invenção e arte, característicos da poesia, e que por muito tempo ficaram restritos ao campo da produção literária, mas vem conquistando destaque e

⁸⁷ COSTA; FONSECA, 2016

⁸⁸ COSTA; FONSECA; 2016, BOTTONI; COSTA, 2018.

⁸⁹ COSTA Luis Artur; 2014, p. 563

valorização no campo acadêmico, também⁹⁰. Ela apresenta Conceição, bem como seu conceito de escrevivência⁹¹, também utilizado por Lissandra, como importantes representantes dessa transição, pois localizam-se entre os dois campos, cujas fronteiras são cada vez mais fluidas. A escrita literária torna-se, pois, ferramenta metodológica e ética⁹²; e a escrevivência, também política.

A partir dessas proposições, o grupo acaba concordando que, apesar de arriscada, o uso de ferramentas cartográficas-ficcionais viriam a ilustrar a heterogeneidade da prosa documental com a prosa poética⁹³. Acerta-se, pois, que construiriam coletivamente uma narrativa, baseada, ainda que não limitada, na ata da reunião atual, a qual também é criação

⁹⁰ BAROSSO, 2017.

⁹¹ Escrevivência é um conceito criado por Conceição Evaristo e tem grande importância literária, acadêmica e política, ao evidenciar as experiências de mulheres negras não como fenômenos a serem descritos por acadêmicos brancos e externos, mas vividos, narrados e visibilizados por autoras negras e por meio de escrita literária valorizada e capaz de apresentar a sua multiplicidade (EVARISTO, 2005). Assim, acredito ser fundamental trazer à luz o meu lugar enquanto branca, bem como o fato deste trabalho não trazer o recorte de raça como central, apesar de tangenciá-lo. Entretanto, escolho utilizar o conceito de escrevivência, contextualizando-o, pois a escrita de Conceição exerceu importante papel de inspiração à minha, papel este que, caso não evidenciado, implicaria na invisibilização e apropriação de uma ferramenta metodológica que não é minha.

⁹² BAROSSO, 2017; SOARES; SANDRINE, 2017

⁹³ COSTA, 2014, BOTTONI; COSTA, 2018

de quem a escreve. Os autores ali presentes, sugere Tânia, tornar-se-iam personagens, igualmente híbridos, na medida em que se caracterizam como conceituais, mas também dramáticos⁹⁴. Assim, uma última problemática é colocada pela autora, que questiona se seus nomes serão mantidos ou modificados. Faz-se uma lista deles, juntamente de seus sobrenomes, também cogitados de serem utilizados, no lugar dos primeiros nomes, o que é rapidamente evidenciado como tendência decorrente dos tradicionais métodos de escrita acadêmica. Decidem, portanto, descartá-los, mantendo seus primeiros nomes enquanto identificação. Discute-se sobre possíveis efeitos de estranhamento, tanto aos leitores, quanto aos próprios autores, diante dessa mudança, pois muitas/os acabam vestindo-se de seus sobrenomes como nomes acadêmicos, em relação semelhante a que os artistas estabelecem com seus nomes artísticos. *[seriam os cartógrafos denominados segundo seus nomes 'academísticos', então? pergunto-me, inspirada pelo neologismo que do conceito de 'ciençarte'⁹⁵]*

[a lista me toma, e demoro o olhar sob ela, nome por nome. salta-me à vista, num primeiro momento, a majoritariedade de mulheres. então volto-me a elas, ali na minha frente, e outro

⁹⁴ COSTA; FONSECA, 2016

⁹⁵ Costa, Luis Artur; 2014.

traço faz ruído: a quantidade de corpos brancos presentes, professoras e professores brancos, e a presença negra compondo as vozes da reunião com a pesquisadora Lissandra Soares. Um espaço que, apesar de buscar problematizar e quebrar caixas, não deixa de caracterizar-se como acadêmico e colonialista, como bem ilustra os participantes da reunião que a precede, com Benjamin, Barthes, Foucault, Deleuze e Guattari bem representando a hegemonia masculina branca ocidental do âmbito acadêmico - e não apenas. Penso, então, noutros autores e, sobretudo, autoras, que também poderiam compor a discussão, como bell hooks, Djamilla Ribeiro, Gayatri Spivak, dentre outras alinhadas com a decolonialidade⁹⁶ enquanto pensamento epistemológico. há muita caixa ainda a ser quebrada. há muita coisa a ser dita, mas nem tudo ali, ou agora. assim, contendo-me o quanto posso, mas não me seguro e] A secretária pergunta se alguém havia se dado conta de que,

⁹⁶ A decolonialidade é uma perspectiva epistemológica que tem origem no chamado “terceiro mundo”, em resposta ao padrão violento de poder que a ideia de colonialidade e modernidade carregam. Evidencia a forma como essas perspectivas tomam como ‘o outro’ a ser estudado e ajudado o que difere de uma matriz, denotando inferioridade e hierarquia, ao pressupor que estes tidos como ‘outros’ estariam buscando mudar de posição, como forma de evolução. Propõe, assim, não que se crie um novo universal, mas sim que estes ‘outros’ sejam reconhecido enquanto uma opção, dentre outras, diferentes entre si, de fato, mas que não tem o objetivo de mudar. Além disso, o pensamento decolonial transcende o âmbito acadêmico, ao tornar-se uma forma de viver, pensar e estar no mundo, e aposta, ainda, na importância de manter-se epistemologicamente vigilantes e desobedientes. (MIGNOLO, 2017)

diferente da reunião anterior, aquela era composta, majoritariamente, por pesquisadoras. Alguém percebeu de que se tratava de uma reunião protagonizada por mulheres?

por fim, alerto:

*"Tudo isto deve ser considerado como se fosse dito por um personagem de um romance"*⁹⁷

- aliás, uma personagem.

Assinam todas, ainda presentes.

⁹⁷ BARTHES, apud COSTA, Luciano; 2014, p. 106

"Gosto de escrever, na maioria das vezes de
umas depois de texto escrito e por isso escrevo
um pouco na dor, eu digo um pouco..."

Escrever pode ser uma espécie de vingança (...)
talvez desafio, um modo de ferir e silenciar imposto,
ou ainda, executar um gesto de tímida esperança.

Gosto de dizer ainda que a escrita é para
mim o movimento de dança - conto que o meu
corpo não executa, é a senha pela qual eu
aço o mundo"

Conceição Ovaristo (2005, p. 202)

Introdução II: páginas rumontradas, experiências que duram

Chegada em casa típica. Sento e deixo
decantar o vivido e sentido durante o dia. A vontade de escrever
a me acompanhar. As perguntas, também.

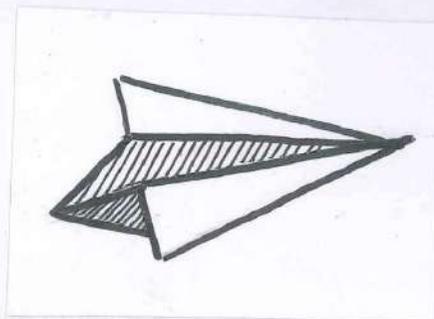
Meus cadernos a sussurrar, provocantes. Rendo-me a eles,
então, iniciando leitura que me teletransporta. Folheio, página
a página, e nelas encontro outras Carlas. Carlas que começam
com M., P., S., B... Mulheres. Um alfabeto inteiro de Carlas que
ali, no meu caderno, começam com E. Eu. Narradas em
primeira pessoa, em alguns momentos nem consigo distinguir o
que é meu, e o que não é. Começo a entender que já não mais
importa, pois o que não era, no momento em que sou eu quem
ali escreve. É. Tampouco deixando de ser de quem o enunciou.

Fragmentos de realidade baseados em produções
ficcionais.

Caça às histórias. Dentre páginas repletas de listas a-fazer,
lembretes burocráticos e estudos teóricos. Começo a brincar.
Buscando, nas páginas dos meus cadernos, narrativas desses
encontros. Semelhantes ao de Carla, em intensidade. Diferentes
em cenários e personagens. Carro, cozinha, pátio, rua, parada
de ônibus. Leio e revisito o que ouvi e senti. Desabafos na mesa
de jantar, tempero especial. Sal de lágrimas. Caronas movidas

pelo combustível da palavra. Obstáculos de frustração e raiva.
Impulso da aposta. Senti-vento. Um pátio com vista e assunto.
Será que chove, depois desse tempo quente? Será que chove no
teu rosto, quando o tempo fecha as portas do trabalho? Final de
expediente.

Encontro e arranco, uma a uma. Páginas pesadas, tanto as
transbordantes em letras, quanto as iniciadas e jamais
finalizadas. As listas, majoritariamente incompletas,
permanecem na espiral do caderno. As narrativas arranco,
releio. Num repente, pego folha de rascunho e começo a atar,
palavra por palavra. Deixo-me contagiar pelo que outrora
escutei, e agora li. Pelas mulheres que confiaram à minha
escuta o seu falar, seu fazer, seu sentir. Enlaçando experiências.
Decanta uma narrativa. Inventa-se uma personagem. Carla,
cujo nome significa "mulher". A mesma Carla, do início? Sim.
E não. Tão fictícia quanto. Faz-se outra páginas, então.
Contadas por ela, de uma história que não é uma, mas muitas.



Dobro-as,⁹⁸

amarro-as

e levo comigo,

para serem desdobradas

noutros espaços

e quem sabe,

com sorte,

dobradas mais uma vez

- dobradura.

⁹⁸ Inspira a ideia, proposta por Luciano, ao apontar que “em latim, *plic* ou *plica* nos remetem à ideia de prega, dobra. Neste sentido, implicar estaria voltado ao dobrar, à produção de uma dobra. O pesquisador implicado é o pesquisador dobrado pela sua pesquisa. No entanto, criador e sujo que é, o pesquisador também será um multiplicador, um disseminador de novas dobras ao que supostamente pesquisa. Ao invés de somente explicar, de desdobrar a dobra, seu olhar e escrita multi/implicam o mundo.” (COSTA, Luciano, 2014a, p. 71)

"eu tenho na medida que designo
- e este é o esplendor de se ter
uma linguagem, mas eu tenho
muito mais a medida que não
consegue designar. a realidade é a
matéria-prima, a linguagem é o
modo (quomo) como vou buscá-la
- e como não acho. mas é do bus-
car e não achar que nasce o que
eu não conhecia, e que instantanea-
mente reconheço. a linguagem é
o meu esforço humano. por destino
tenho que ir buscar e por destino
volto com as mãos vazias. mas
- volto com o indizível. o indizí-
vel só vou pôr o meu dedo atra-
vés do fracasso de minha linguagem.

só quando falha a construção,
é que obtenho o que ela não
conseguiu." (Clarice Lispector -
a paixão segundo G.H.)

Ata III - duras dobras e dobraduras de uma perspectiva de gênero

A ata que agora iniciou é uma ata diferente.
Cadeiras foram prescindidas, arrastadas às paredes, e um espaço
aberto ao sentar das mulheres que ali chegavam, aninhando-se
uma ou lado da outra, formando círculo ao chão. No centro,
folhas de papel, atadas por cordão gasto, chamando a atenção
das presentes, cujos olhares denunciavam a curiosidade de decifrar
o conteúdo ali escrito à mão.

A ata que agora iniciou é uma ata diferente
pois desloco-me de meu lugar de secretária e relatora para
compor a roda como, também, participante. Noutros espaços,
consegui posicionar-me em lugar de escuta, mantendo aparente
distância, ainda que se saiba que ela é impossível, enquanto
sinônimo de imparcialidade. Entretanto, nesse espaço que me
toma de diferentes formas, torna-se inevitável integrar e
entregar-me a ele. Está no corpo. Mas não apenas. E talvez por
isso seja tão difícil falar sobre ela. Ou escutar.

A ata que agora inicio é uma ata diferente, pois trata-se de uma roda de conversa entre mulheres, escritoras, pesquisadoras, pensadoras. Compõem-na Joan Scott⁹⁹, Judith Butler¹⁰⁰, bell hooks¹⁰¹, Silvana Mariano¹⁰², Priscila Detoni¹⁰³, Carla e eu. Cada uma das presentes fora convidada com o intuito de conversarmos sobre a experiência de ser/tornar-se mulher. As folhas de papel ao centro são trazidas por mim. Trata-se de narrativa escrita a muitas vozes, de educadoras do acolhimento institucional. Por mim escritas, por elas transmitidas. De diferentes formas, não somente a oral. Narrativa que conta trajetórias, reflexões, sentimentos, fragmentos de experiências de trabalhadoras enquanto mulheres no exercício da função de cuidado. Narrativa que deixo ali, em meio a nós, por acreditar que possam compor, também, a nossa

⁹⁹ Historiadora norte-americana que trabalha a partir da perspectiva de gênero, atualmente no Instituto de Estudos Avançados de Princeton.

¹⁰⁰ Filósofa norte-americana, referência importante para os estudos de gênero, sobretudo a teoria Queer.

¹⁰¹ Escrito letras minúsculas, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, teórica norte-americana formada em literatura inglesa, com vasta obra acerca de raça, gênero e classe.

¹⁰² Cientista social, Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina.

¹⁰³ Psicóloga, Doutora em Psicologia pelo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora da Universidade do Vale do Taquari.

conversa. Deixo ali, caso alguém queira abrir e ler. Hesito lê-las antes, sob risco de que a leitura levasse a uma conversa analítica, de forma a encaixar a alguma teoria, o que não é o objetivo, mas sim suscitar uma reflexão e complexificação de tudo o que atravessa essa experiência - aquela dita por Joan Scott - que não pode ser lida como uma, apenas.

Entretanto, ao lermos algo, é inevitável partirmos de um lugar, um posicionamento ontológico que direciona nosso olhar. Assim, esse momento de conversa foi pensado a fim de construirmos, conjuntamente, uma ontologia acerca do 'ser mulher', compreendido em termos de um posicionamento político de gênero. Posicionamento importante a ser levado em conta, para a leitura da narrativa.

A ata que agora inicio talvez tenha perdido seu estatuto de ata ainda no primeiro parágrafo, no momento em que me coloco, sem rodeios. *Ou letras itálicas.* Caso ainda não tenha perdido, o fará nesse momento, pois ao iniciá-la percebo que tampouco a forma poderá permanecer igual às demais, como usual e esperada. Ocorre que as margens apertam, enquadram - encaixotam - meu pensamento, limitando a escolha de palavras e a formulação das frases. Um tom formal que a padronização da forma impele-me a manter. E assim, posso

sentir o caráter dialógico esvaindo-se de minhas mãos. Mas agarro-lhe, ao começar a escrever, pois lembro que:

- *Janaina*: A ata que inicio é uma ata diferente.

- *Judith*: Seria um ato, quem sabe? Sempre é.. Mas talvez eu esteja indo longe demais.

- *Janaina*: Para o início do nosso encontro, talvez sim. Mas fiquei curiosa, gostaria muito de saber mais sobre a compreensão de ato que traz, mas teremos espaço para esmiuçá-lo, posteriormente. Talvez a ata, essa que já não mais tem estatuto de documento, possa ser ressignificada. Ata como feminino de ato? E o que significa isso, afinal? Tenho me defrontado com essa questão, mais do que o habitual. O acolhimento institucional parece constantemente atravessado pela posição definida para as mulheres. Quando falo em gênero, penso nestas mulheres, mas de onde posso partir teoricamente?

- *Joan*: Acredito ser importante, de início, lembrar que esse conceito é controverso e complexo, dividindo opiniões e teorias desde seu surgimento, até hoje. Assim, eu começaria de uma forma um pouco mais dura, para depois pensarmos juntas na experiência, fazendo dobra. Quem sabe iniciamos retomando um pouco da história e contextualizando-o?

- *Judith*: Para variar, né Joan?

- *Joan*: Sim, talvez possa soar repetitivo, na medida em que, enquanto historiadora, ainda que não apenas por essa razão, costumo salientar esse ponto nas discussões as quais componho¹⁰⁴. Entretanto, não posso deixar de fazê-lo. E vai ter que me ajudar, Judith.

- *Judith*: Foi uma brincadeira, você sabe. Acredito e mantenho comigo, em pensamento e em minhas produções, esse compromisso também. Inclusive, no que tange ao gênero, conceito que me interessa de maneira particular, essa necessidade torna-se ainda mais relevante.

- *Joan*: Sim, era o que estava dizendo. Ocorre que esse termo, do qual também derivam mais de uma teoria, denominadas ‘teorias de gênero’, carrega uma história, desde seu surgimento até hoje, caracterizando-se por marcos fundamentais, bem como dissidências constantes. Lembro, ainda, que nosso encontro dedica-se ao recorte das experiências de mulheres, mas a discussão acerca de “gênero” não se finda aí, pois é muito mais profunda e possui extensão a qual demandaria um tempo muito maior do que o que dispomos, não sendo possível, pois, contemplá-lo integralmente nesse espaço.

- *Silvana*: Sobre a história do conceito de gênero, e também relacionando ao recorte escolhido, não por acaso, para nossa

¹⁰⁴ SCOTT, 1998; SCOTT, 1995

conversa, fiquei pensando num possível equívoco de interpretação, por parte de quem nos escuta, de que corremos o risco, caso não seja explicitado. Trata-se do uso de “gênero” como substituto da categoria “mulheres”, o que, apesar de ainda hoje utilizado, vai de encontro ao objetivo com o qual ele surge dentro do movimento feminista¹⁰⁵. Isto é, evidenciar e refletir acerca das relações de poder e desigualdade existente entre homens e mulheres, e da qual essa oposição binária é também constituinte. Dessa forma, o gênero não funciona como substituto da categoria “mulheres”, na medida em que a problematiza, seja negando-o, como apoiado por algumas vertentes feministas, ou complexificando-o, defendida a importância política da representação das mulheres, ainda que não de qualquer maneira¹⁰⁶.

- *Judith*: Penso que “a categoria “mulher” pressupõe a exigência de uma genealogia crítica dos meios institucionais e discursivos complexos pelos quais ela é constituída”¹⁰⁷, tomando o cuidado necessário a fim de fugir de discursos essencialistas, que encerram a mulher em características pré-definidas.

- *Carla*: Então, o jeito de ser mulher no nosso trabalho tem a ver com este lugar, é “meio institucional”.

¹⁰⁵ MARIANO, 2005

¹⁰⁶ MARIANO, 2005; SCOTT, 1995 (1988)

¹⁰⁷ BUTLER, 2018, p. 15 (1988)

- *Silvana*: Isso, as instituições contribuem para definir que somos... ou quem devemos ser... Importante lembrar, também, da função a que as teorias de gênero propunham-se, em suas primeiras formulações, de crítica a uma noção de sujeito considerado universal, homogêneo e comumente relacionado ao protótipo do homem branco e heterossexual, inferindo-lhe significativo poder¹⁰⁸. Às mulheres, por conseguinte, quando reconhecida sua existência, restava o plano do ‘outro’, da diferença, juntamente de outros grupos invisibilizados¹⁰⁹.

- *Judith*: Plano este que, embora secundário, é tão homogeneizado quanto o ocupado pelo homem, fazendo com que essa dicotomização binária normativa, que as teorias de gênero buscavam ultrapassar, fosse muitas vezes reiterada, ao fazer uso representativo da categoria “mulheres” de forma a sugerir a existência de algo da natureza e essência que é comum e único a todas elas, tornando-se norma. Assim, se usado o termo, como é o caso nesse espaço, é importante estar a par de que é insuficiente ontologicamente, sem deixar de contextualizá-lo¹¹⁰. Que é o que estamos fazendo, afinal.

- *Joan*: Gostaria de ressaltar, também, seguindo o curso histórico, de que, com o surgimento do conceito de gênero, a discussão avançou a uma diferenciação em relação à categoria

¹⁰⁸ MARIANO, 2005

¹⁰⁹ MARIANO, 2005; SCOTT, 1995 (1988)

¹¹⁰ BUTLER, 2018 (1988)

sexo. Dessa forma, as denominações “homem” e “mulher” passaram a compor as possibilidades de ‘sexo’, cujo cerne seria biológico e relacionado à natureza dos corpos; enquanto a categoria gênero era dividida em “gênero masculino” e “gênero feminino”, os quais seriam construídos socialmente.¹¹¹

- *Judith*: Essa foi uma mudança emblemática mas, segundo o que proponho, trata-se de diferenciação também equivocada e insuficiente. Ocorre que, embora em dada teoria tivessem suas origens localizadas distintamente, na prática seu uso acabava corroborando a dicotomização e naturalização das representações sociais, ao relacionar o sexo homem e mulher aos gêneros masculino e feminino, respectivamente¹¹². O que proponho, então, é que esse uso diz de uma equívoca representação do sexo, o qual, ao ser relacionado a um gênero específico, demonstra ser tão construído culturalmente quanto ele, não podendo ser tomado enquanto pré-discursivo, natural ou imutável. Além disso, essa denominação, tanto de sexo quanto de gênero, enquanto binários e opostos, mostrou-se limitada, ao não contemplar outros corpos e outras maneiras dos sujeitos performatizarem o seu gênero. E é a partir dessa ideia que formulo meu conceito de performance e ato, enquanto constituintes do gênero - também por ele constituídos.

¹¹¹ SCOTT, 1995 (1988)

¹¹² SCOTT, 1995 (1988); BUTLER, 2013

- *Janaína*: Finalmente, o ato, que comentaste no início! Continuo curiosa.. Mas fiquei pensando em muitas questões, em relação ao trabalho das educadoras do acolhimento institucional. Inclusive, sobre a minha escolha de denominá-las “educadoras”, que decorre não apenas da maioria numérica de profissionais mulheres trabalhando no cargo, mas também aponta uma diferença, que a narrativa traz.

- *bell*: Vou aproveitar, então, essa menção à diferença, para retomar e colocar em evidência o que foi mencionado anteriormente por Silvana, acerca dos grupos invisibilizados que ocupam, junto das mulheres, o lugar de “outro” em referência a um universal, o que mais recentemente tem sido apontado por autores decoloniais como característico do colonialismo¹¹³ - e de suas relações de poder de opressão.

- *Priscila*: Acho importante também, bell, nomear os marcadores de diferença que caracterizam esses grupos, a saber, a raça, classe social e sexualidade, os quais, juntamente ao gênero, constituem as categorias de articulação em que se baseia o conceito de interseccionalidade¹¹⁴, ou seja, é necessário atentar para como estes marcadores dizem da diferença e da desigualdade entre nós. Sou uma mulher branca com uma condição social e econômica privilegiada em relação às

¹¹³ MIGNOLO, 2017

¹¹⁴ PISCITELLI apud DETONI, 2016

mulheres negras e pobres que atendo. Como percebo esta relação? Estou aberta para compreender o modo de vida destas mulheres?

- **Janaína:** Muito me perguntei isso, quando fui estagiária de psicologia por um ano em abrigo para crianças e adolescentes. Sigo me questionando, então, sobre como, no acolhimento institucional, estas condições sociais e estes marcadores produzem um modo de ser mãe...

- **bell:** Exatamente, e evidencio, então, o marcador de raça, pois acredito que essa discussão e histórico do conceito de gênero não esteja completo sem um olhar ao movimento feminista negro, sobretudo no que tange às críticas, que Judith muito bem colocava, acerca da não contemplação de muitos corpos e formas de estar no mundo enquanto homens e mulheres. O que, de maneira semelhante, era também problematização colocada por parte das mulheres negras, que questionavam o sujeito “mulher” como era carregado e representado pelo movimento feminista, sobretudo em suas primeiras teorizações e reivindicações, apontando que, além de não contemplá-las, tornava-se engrenagem a um sistema hegemônico de dominação e opressão racial¹¹⁵. Na realidade, essa discussão poderia ser assunto para toda uma reunião, e

¹¹⁵ HOOKS, 2014 (1981)

entendi que não é o foco central desse encontro, mas não poderia deixar de pontuá-lo.

- **Janaína:** Muito importante vocês apontarem essa questão, sobretudo tendo Conceição Evaristo como uma de minhas inspirações, de escuta, de escrita e, arrisco, de vida. Assim, também aproveito para iniciar a articulação que gostaria de fazer com as educadoras, porque a raça é algo sobre o qual tenho muito pensado e que pouco aparece, diretamente, na narrativa. Ao relê-la, pois, fiquei me perguntando como a negritude atravessa o trabalho dessas mulheres, e se esse não aparecimento diz de falhas na escuta, ou de um silenciamento decorrente do racismo institucional.

- **Judith:** É realmente uma pontuação importante, bell e Janaína, e pouco debatida por algumas autoras, ao menos não de forma profunda, dentre as quais me incluo. Apesar de não me debruçar especificamente no marcador de raça, é fundamental à minha teoria o reconhecimento de que “se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é, o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas por que o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de

identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”¹¹⁶

- *Carla*: Agora você usou o termo “produzida”, antes “performatizado” e “construído”. Não sei se entendi, são sinônimos?

- *Detoni*: Não exatamente, posso tentar te ajudar a explicar, Judith, e qualquer coisa você me corrige, certo? A ideia de uma construção de gênero ela utiliza quando fala da transição, de uma ideia de gênero construído socialmente, em oposição ao sexo, bem como pressupondo possibilidade de escolha - como se os sujeitos pudessem escolher construir de maneira diferente. Portanto, seu uso ainda faz referência à maneira como é tomado nessa outra perspectiva, que não é a que defende¹¹⁷.

- *Judith*: Isso, mas agora vou complexificar um pouquinho mais. Gosto de dizer que “alguém atua o ato ou performance de gênero”. Explico: semelhante a um ato no contexto teatral, por seu caráter de ação coletiva, o ato que o gênero é, o ato que os agentes corporificados são – na medida em que corporificam dramática e ativamente determinadas significações culturais,

¹¹⁶ BUTLER, 2015 (1990), p. 20

¹¹⁷ BUTLER, 2015 (1990)

além de propriamente vesti-las – claramente não é um ato de alguém isolado.¹¹⁸

- *Joan*: Quem sabe você explica um pouco melhor essa comparação com o ato do teatro? Você sabe que pode ser um pouco confuso e passível de interpretações equivocadas e, como comentávamos no início, essencializantes.

- *Judith*: Sim, é importante entender que a comparação que proponho não se refere, de maneira alguma, a existência de papéis a serem escolhidos. Penso o ato na medida em que estamos sempre performatizando o gênero, o qual se constitui por meio da própria performance. Esses atos, quando sedimentados, quando repetidos, produzidos e reproduzidos de maneira unívoca, tornam-se norma, dando uma impressão equivocada de identidade homogênea e imutável¹¹⁹. Lembrando da discussão do início de nossa conversa, é esse o risco de uma utilização descontextualizada da “categoria” mulher, acabar reiterando a produção de uma norma. Então, temos a ideia de um gênero produzido a partir desta reprodução.

- *Joan*: Nesse sentido, há a influência fundamental da política, enquanto também constituinte e constituída pelo gênero. Isto é, a sociedade e a situação histórica exercem importante papel na produção dos corpos generificados, bem

¹¹⁸ BUTLER, 2018 (1988)

¹¹⁹ BUTLER, 2018 (1988)

como beneficiam-se deles, sobretudo a seu sistema de poder. Consigo trazer, como exemplo, os regimes democráticos do século XX “que têm construído suas ideologias políticas a partir de conceitos generificados, traduzindo-os em políticas concretas: o estado de bem-estar, por exemplo, demonstrou seu paternalismo protetor através de leis dirigidas às mulheres e crianças.”¹²⁰

- *Carla*: Acho que isto é o que vivemos no trabalho no abrigo, antes tinha a ideia de menor e o abrigo, agora é a casa e o sujeito de direito.

- *Priscila*: Isso, Carla, e aí podemos pensar no lugar das mulheres para cuidar das crianças e do ser mãe, que a Janaína mencionou antes. E não é necessário ir muito longe, sabe Joan, tanto em distância, quanto em tempo, pois a atual Política Nacional de Assistência Social (PNAS) é composta por políticas que, tanto em sua formulação, quanto aplicação, acabam essencializando a maternidade, enquanto performance de um cuidado baseado num instinto natural. A titularidade da política do Programa Bolsa Família, embora demande uma discussão mais aprofundada, pode ser tomada como um exemplo, ao colocar a mulher enquanto responsável pelos cuidados dos filhos e da casa¹²¹.

¹²⁰ SCOTT, 1995 (1988)

¹²¹ DETONI, 2016; DETONI; MACHADO, 2018.; CARLOTO; MARIANO, 2008

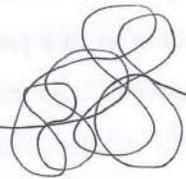
- *Silvana*: A forma como essa e outras políticas, sobretudo de assistência social, são instituídas, voltando-se à família como identificada pela figura da mulher, acaba influenciando não apenas o funcionamento dos serviços, ocupados majoritariamente por mulheres, sejam trabalhadoras ou usuárias, mas também produz a visão que estas formulam acerca de si. Isto é, como donas de casa, esposas e mães por natureza, fixando uma identidade feminina a esses atributos. Além disso, essa responsabilização das mulheres-mãe, decorrente das políticas, também tem como consequência a sua culpa e penalização, seja por meio da perda de benefícios, ou, em casos mais graves, da destituição do poder familiar¹²².

- *Janaína*: Exatamente, é o que muito se vê no acolhimento institucional, de diferentes maneiras. Tanto no motivo mais de ingresso, a negligência, quanto no trabalho das agentes educadoras. Assim, acredito que esse entendimento poderia ajudar a compreender melhor como se dá a performatização de gênero e maternidade nesses serviços, cujo trabalho parece ser constantemente atravessado por muitas das questões que trouxeram. Lembrei do que escuto das educadoras sobre a dificuldade e necessidade de criar vínculos que beiram o que seria denominado maternos...

¹²² CARLOTO; MARIANO, 2008

Mas como produzir brechas, abrir espaço nessa sedimentação de performances tornadas estanques pelo meio social em que são produzidas? Algo foge? Algo fura? Entendo a teoria, mas... Como fazer operar na prática? Como pensar na experiência?

Carla, você poderia ler a narrativa que eu trouxe? Não para tentar identificar-se em tudo que trago, não como uma verdade, ^{uma} ~~uma~~ fotografia da realidade que vivenciam. Mas, quem sabe, ali encontramos, pinçadas ou decifradas, quiçá soterradas, algumas possibilidades?



Contre! acolhimento institucional em ato

12h43 desço do ônibus, pontualmente adiantada ao meu horário de entrada. Tão logo deixo o ônibus já vazio, me coloco a caminhar, passos largos e olhar atento ao perigo de quem se sente estrangeira em bairro familiar. Encontro-me a 10min de casa. Da casa. A casa com horário de entrada e de saída. A casinha, como a gente, educadoras, está acostumada a chamar. Inha, mas maior do que a de muita gente, provavelmente maior do que a casa da gente de quem nela vive, mora, que passa ali dentro. Inha, que remete a carinho. Inha, que pode remeter a desvalorização. De qualquer forma, a denominação acaba por ter efeito de diferenciação entre a casa da gente e a casa de agente. A-gente educadora. A casa do abrigo. A casa que a gente mora e a casa em que a gente trabalha. A casa e a casinha, respectivamente. Entenderam a distinção? Porque eu não tenho certeza. Até hoje minha cabeça ainda (con)funde de vez em quando, apesar dos trinta e quatro anos de trânsito diário entre essas casas. Verdade que, durante esse tempo, muitas mudanças aconteceram, inclusive quanto à denominação e espaço físico.

Antes, chamado de “abrigo”, cujo aspecto fazia jus ao nome coloquial.

- será que a casa, a casinha, o abrigo e o abrigo, seriam o palco do ato sobre o qual falávamos?

Hoje, tem cara de casa, de verdade. Casa boa, até. Sala e cozinha que, se ajeitar, vira digna de cenário de propaganda à família margarina. A performance a-gente garante, essa que a-gente que aprende com o tempo, com a prática. Com a vida. E com as propagandas, também. Entretanto, do corredor para dentro, excede-se ao dito “tradicional”. Três quartos feitos de camas e armários peregrinos, vez que outra acompanhando os movimentos de seus inconstantes donos, mas não sem carregar suas marcas. Seus fluidos, excessos e estampas. Manchas em forma de contorno sob os lençóis, denunciando resquícios de urina, lágrimas e suor. Buraco no estrado, buraco na espuma, buraco no corpo. De tanta falta, furou. De tanta comida, pesou. Gavetas e portas pegajosas de cola de figurinha, fotografia e recorte. Álbum da copa, família, celebridade. Cola de sonhos. Não dá pra deixar parar de colar. E no meio de tanta inconstância, permanecem os banheiros, tradicionalmente destinados: meninos de um lado, meninas do outro. Nesses ninguém querendo mexer. A área externa completa, com

paredes coloridas adornadas com eventuais lascas de descaso que a tinta não logrou camuflar. A varanda, por sua vez, trata de finalizar, abrandando a quantidade de portas, portinholas e portões potencialmente cadeáveis, apesar de nem sempre assim estarem, a depender do momento em que se encontra a infundável discussão acerca do controverso limite entre cuidado, proteção e controle. Linha fina, tênue. Cadeado grosso, inquebrantável.

Ao menos assim é a minha casa. Digo, minha casinha. A casinha em que eu trabalho, enfim. Semelhante a ela há muitas, além das demais modalidades, algumas reunidas, em forma de comunidade, a chamar a atenção e provocar curiosidade. Outras são também pulverizadas em meio ao cotidiano citadino, espalhadas, disfarçadas sob o aspecto de casa “comum”, palco da típica classe média a representar. Sua existência nula, pois, à quem passa despercebido. Ou a quem escolhe não ver.

E quando nomeio “abrigo”, o faço cá entre nós. Com fins de facilitar a compreensão. Já cansei de tentar explicar, começando pelo certo, pelo bonito: “acolhimento institucional”. No entanto, a-gente vê, a-gente vive as reminiscências dos detalhes, tão sutis quanto as frestras sob a camada de tinta translúcida recém lambuzada sobre a parede. Dessas que a gente deixa a segunda demão para um depois sem localização no tempo. Reforço que precisa ser forçado e, no meio do caminho, cansa. Manda, na

frente, a promessa. Assim, também chegou o Estatuto da criança e do adolescente - ECRIA (1990), pomposo e A galope. Feito de palavras bonitas. Perderam-se pelo caminho os recursos necessários e meios eficazes para colocar a tal lógica “ideal”, retórica, em prática. Mais uma. Ontem era correcional e punitiva. Anteontem caritativa e religiosa. Hoje, sujeito de direito, familiar e social, e um pouco de cada uma que o antecedeu, também¹²³.

E isso ninguém me contou, não. Participei da transição entre essas lógicas, vi as mudanças categóricas no papel, vivenciando as transformações graduais, por vezes resistentes e superficiais, das práticas executadas no trabalho. Ouvi reclamações, colegas lamuriosos que, em tom de nostalgia, citavam os “velhos tempos”¹²⁴. Ainda citam. Admito que para mim tampouco foi fácil, novas regras, premissas e demandas de trabalho, travestidas sob denominação de “orientações”¹²⁵. Por isso dói, hoje, ter de mencionar a “casa de menores”, ainda que com fins meramente elucidativos e historicamente contextualizados. E acredito que dói, ainda mais, pois a lógica atual que embasa as

¹²³ NASCIMENTO, 2016

¹²⁴ Antes da promulgação do ECRIA, o Código de Menores (1927 - 1990) considerava como “menor” todo o sujeito em situação irregular, como o abrigo ou cumprimento de medida por infração, tomando-os como perigosos e, assim, passíveis de correção e tutela (NASCIMENTO, 2016)

¹²⁵ Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009)

políticas públicas voltadas à infância e adolescência também não é ideal, mas todos os avanços, necessários mas não suficientes, alcançados ao longo do tempo, encontram-se em risco, atualmente.

Avanços estes que mal conseguiram alcançar devidamente o campo da práxis, e atualmente tendem a ser distanciados da retórica, também.

São estas conquistas que sinto esvaír-se. A camada de tinta afinando cada vez mais, lamentando pela demão que jamais recebera. E sob esse risco, difícil encontrar espaço e coragem para abordar atuais problemas, sobretudo no que tange às questões estruturais, soterradas por dificuldades cotidianas e superficiais. Ainda assim, sei que é preciso debruçar-se sobre elas, evidenciando a fim de ultrapassá-las. Mas às vezes a falta de perspectiva desmobiliza e parece inalcançável. Utópico. Sobretudo devido ao caráter menos evidente como se apresentam, atuando micropoliticamente. Práticas de controle sutilmente disfarçadas de proteção, sob preceitos ainda mais invisíveis de família tradicional, que as nossas práticas, dentro das casinhas, acaba buscando remontar, ainda que não se explicita no papel.

Assim, retorno ao que estava falando, acerca da casa externa, em forma e cor, e da casa interna, na organização que se faz e que se demanda. Assim, a família passou a ocupar papel central

nas políticas voltadas às crianças e adolescentes, repercutindo diretamente no nosso trabalho, também, enquanto serviço da Assistência Social. Uma Assistência Social centrada na família. A família. A família brasileira, sabe? Eu não. Uma, só? A basear-se pelas famílias de onde são retiradas as crianças e adolescentes acolhidos, posso ter um esboço de que família se trata. Ou melhor, não se trata. Ao comparar com as famílias adotantes, então, torna-se ainda mais claro. E clara. A pele. E alto. O poder aquisitivo.¹²⁶

Pensei na conversa, a família também tem norma para ser normal e aí define se a criança tem ou não uma família como deve ser...

¹²⁶ O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) realizou análise do Cadastro Nacional de Adoção (CNA), constatando que, dentre os pretendentes à adoção, “24,3% (...) declararam ter renda entre 3 a 5 salários mínimos e 21,4%, entre 5 a 10. Essa informação demonstra que parcela representativa dos pretendentes à adoção está situada na faixa de renda compreendida entre 3 a 10 salários mínimos.” (CNJ, 2013, p. 15). A pesquisa não aborda o marcador racial dos pretendentes, mas traz dados acerca de seus preferências quanto à raça/cor da criança e do adolescente, apontando que 90,9% apontaram interesse em adotar criança ou adolescente de cor branca, e 35,7% de cor preta (dados referentes a questão de múltipla escolha, justificando soma dos percentuais excedendo 100%).

Crianças acolhidas devido a mães negligentes.

Crianças acolhidas por mães negligentes.

Crianças negligenciadas por mães negligentes.

Crianças negligenciadas por mães sem acolhimento.

E o mesmo Estado que outrora, se ausentou, é o mesmo que acusa. Então, abriga. Obriga. E a-gente que cuida. Acolhe. A gente é mãe o tempo todo. No lugar de quem não conseguiu fazê-lo - não se fica nem sabendo exatamente o porquê. Negligentes. Palavra gasta, significado puido. Mensagem subliminar. Como a gente não deveria ser. Famílias entre a destituição ou restituição do poder jurídico sobre a/o filha/o. Pátrio poder, já foi chamado. Poder familiar, é. Poder mátrio, poderia ser. Me pergunto se minha prática está mais próxima do criminalizado pelo JIJ¹²⁷, ou do cuidado das famílias em PPA¹²⁸. Tanto na casinha, quanto na casa.

São tantas as siglas que chega uma hora que já não se sabe mais o significado de verdade. São tantas casas que já não se sabe mais qual é a nossa, e qual é serviço. Saber, a gente sabe, mas a cabeça às vezes confunde, leva afetos de um pro outro. E

¹²⁷ Juizado da Infância e Juventude

¹²⁸ Programa de Preparação à Adoção

no caminho entre eles, torce pra deixar alguns perdidos pela estrada, ou ao menos enterrar, provisoriamente, fazendo montinho com essa terra que agora piso, no trecho final rumo à casinha. Choveu à noite, e o sol que desponta ainda não deu conta de secar. Talvez assim ficasse mais fácil de enterrar, um a um, os afetos que trago no corpo. Apenas empurrar fundo na terra, pra depois voltar pra buscar - ou deixar germinar. Flores do campo. Erva daninha. Por enquanto, me contento com observar as marcas do meu calçado no barro, e trato de empurrar com força os afetos, profundamente para dentro de mim. Tão logo os acomodo ali, vou me aproximando da casa-inha e vão-se abrindo outros compartimentos, descobrindo sentimentos que ali eu gostaria de deixar guardados. Sem êxito.

} - *Foram esses sentimentos nela plantados, produzidos?*

Mas ainda são 12h52 e quando entro na sala, sou recebida pelos colegas do turno da manhã, que com um mate me esperam para compartilharmos dos minutos que antecedem o meu início e seu final de jornada de trabalho. Reza a lenda que esses minutos de encontro entre-plantões deveriam ser quinze. Conta o papel¹²⁹ que deveria ser pagos, inclusive, durante os quais

¹²⁹ As orientações técnicas recomendam a existência nos serviços de “encontros diários de 15-20 minutos entre os profissionais dos diferentes turnos para troca de informações” (BRASIL, 2009)

deveríamos conversar sobre questões da casa. Mas assim como esse tempo não é cumprido, nem pago, os temas da conversa em muitos variam, a pauta do trabalho logo mistura-se à vida pessoal. Inevitável, na minha opinião, dada tamanha proximidade da relação entre vida laboral e pessoal. Essencial, respiro.

Falamos para nós. Entre nós. Pois quem deveria escutar tende a reduzir nossa ânsia pela escuta a “mimimi”. Reclama-se do tanto que falamos, quando nos é dada a oportunidade. As oportunidades diminuem ainda mais. Não aguentam ouvir-nos falar. Angústias, sentimentos, impotência. Potência também. Desbordadas. Não suportam os pingos. Talvez, desejo acreditar, que muito desse descaso decorra da dificuldade de cada um de haver-se com seus próprios sentimentos de impotência e frustração. Ou talvez seja apenas falta de interesse. De tempo. De qualquer forma, sei que não deve ser fácil nos ouvir. Se elas soubessem quão difícil é não ser escutada. É muito dedo apontado, e pouco ouvido aberto. Menos ainda, olhar crítico, voltado à lógica institucional, micro e macropolítica em que estamos inseridas.

Minha dupla de plantão chega e as 13h batemos o ponto, dando início oficial ao nosso turno. Antes de qualquer coisa,

porém, sento para ler o livro. "O livro". Páginas e páginas de palavras que se repetem.

Entrelinhas

[Se o livro da casa falasse, por vezes ele não falaria.
Epitáfio.]

Se o livro da casa gritasse, diria o que não mostra, o que as linhas não comportam.

Se o livro da casa mostrasse, poderia tornar-se peça, com trechos preto e branco, filme mudo. Se o livro virasse filme, a repetição e reprodução monocromáticas seriam interrompidas, esporadicamente, por cenas coloridas, de improviso. Um carinho, uma gargalhada, uma fala inusitada. Cores vivas, rosa, verde, amarelo. Um choro, um abraço, uma tristeza não planejada pelo enredo. Tons terrosos, marrom, vermelho, amarelo queimado.

Aquarela de lágrimas de dor, de emoção, de felicidade.]

Minha dupla de plantão chega e às 13h batemos o ponto, dando início oficial ao nosso turno. Antes de qualquer coisa, porém, sento para ler o livro. "O livro". Páginas e páginas de palavras que se repetem. Outras, que não dão conta da intensidade e complexidade do que ocorre ali, na casinha. Nunca darão. Tampouco é do interesse de ninguém que o façam.

Ali, são registrados todos os acontecimentos e atividades da casa e de cada um dos acolhidos. Na contracapa, orientações categóricas. Não se pode destacar informações de forma alguma ou registrar questões de natureza pessoal, como discussões entre educadores. Marcar, grifar, desenhar. Vontade dá. Não cabe. Na capa, letras garrafais nomeiam o livro de quase ficção do nosso trabalho: “Atas” - anunciando seu valor de documento e caráter oficial. É nosso principal meio de comunicação, dizem. Escrita titubeante no eterno limiar entre o que se pode ou não registrar. Faca de dois gumes. Necessidade de respaldo, risco de sindicância. Então é isso que significa trabalhar ‘na ponta’? A-gente vive com medo. De cair.

Extraoficialmente, a comunicação acontece por meio de grupo de Whatsapp. Fotos e mensagens de afeto compartilhadas. Demandas e reclames devidamente grifados e destacados. Pedidos de socorro em situações críticas. Ali se ri, se chora, se grita. Abusa-se dos pontos de exclamação e caracteres expressivos os quais não se pode utilizar no livro. Registros embora virtuais, menos ficcionais - se é que isso é possível. Apesar disso - ou talvez, exatamente, por isso - as informações transmitidas pelo Whatsapp não possuem respaldo jurídico, o que é a nós repetido incessantemente. De qualquer forma, acaba sendo mais resolutivo.

{ - Ali vê-se o trabalho que dá? A performance que não se ensaia... tanto?

Ocorre que, afinal, no livro a-gente registra, formal e descritivamente, o que se espera que façamos e o que devemos fazer, junto a relatos de eventuais circunstâncias que possam ter impedido de o fazermos. Escrita chata, automatismo que facilita, ao mesmo tempo que engessa. Vez que outra alguém inventa, arriscando uma palavra diferente, mudando a letra, a forma ou a ordem daquelas ações cotidianas em forma de lista horizontal de afazeres sem números e sem vida. Na realidade, de uma maneira ou de outra, a gente sempre sabe quem “fez o livro” do dia, seja pela letra, escolha das palavras, forma de se expressar. Ao ler a ata do plantão anterior, são esses detalhes que gosto de reparar, saltando aos olhos dentre páginas repletas de palavras às pressas. E em meio ao rápido fluxo de uma leitura tão automatizada quanto a escrita, os desvios e pequenas ousadias fazem demorar a vista. Estranhar. Revisitar aquelas novas letras, em meio a tantas que se arrastam, cansadas, retrato da-gente, ao final de um plantão.

Hoje, entretanto, a leitura é breve. Atas curtas, vinhetas dos últimos dois plantões, referentes à manhã e noite tarde

anteriores. A da manhã escrita em texto corrido, letras cursivas e miúdas, quase emendadas uma à outra, denunciando a autora. Sua marca registrada. A da noite, por sua vez, é escrita em tópicos, o educador autor também a se acusar, por meio de objetividade característica. Um dos poucos homens que compõem a equipe. Vou de trás para frente. Ata da manhã.. Ata da noite anterior. A vista continua, seguindo o fluxo de leitura, deparando-me com palavras conhecidas, ainda que estrangeiras. São minhas. Eu fiquei responsável de escrever a ata do plantão de ontem. Assim, leio o que escrevi, o que não tenho o costume de fazer. Não dá tempo. É a minha letra e, agora consigo reconhecer, também algo se difere e repete na forma de minha escrita. Uma colega já havia apontado, em tom queixoso, acerca do espaço grande que minha atas ocupam no livro. Ocorre que minhas palavras são distantes. Uma da outra. Uma extensa lacuna entre cada uma delas. O conteúdo não destoa, sucinto como deve ser. Distante, também, do que eu gostaria de escrever. As lacunas prendem o meu olhar. São, de fato, imensas. Tão extensas que talvez coubesse tudo o que não dá para escrever, ali. Do que eu gostaria de ter escrito. Releio.

Plantão recebido em ordem. N. e D. retornaram da escola após almoço e fizeram hora do descanso em seus quartos. F. resistiu a lavar a louça, dizendo palavras de baixo calão às educadoras, mas aceitou, trocou de roupa e foi para aula de tênis. G. e C. saíram sem autorização, sendo vistos na praça, retornando para lanche. Bebês dormiram após almoço. Lanche com pão, margarina, leite, café, achocolatado e sobra de cuca feita ontem, bem aceito por N., D., G. e C., presentes na casa. Às duas bebês foi dado banana amassada com aveia. J. e T. retornaram da escola às 18h15, agitadas. Revisamos suas mochilas e ajudamos a escolher filme para assistir. Encontrado bilhete na mochila de T.: na quinta-feira da semana que vem haverá apresentação de dia da família no colégio, pedem confirmação de presença e contribuição com lanche coletivo. C. pediu ajuda com trabalho do colégio que deve apresentar amanhã, pede auxílio das agentes educadoras. Manifestamos pedido de ajuda ao plantão da noite. Plantão passado com crianças assistindo o filme, aguardando a janta.
Sem mais.

Demoro em cada frase, buscando apropriar-me daquelas palavras, que são tão minhas. E ao mesmo tempo, não o são. Não fosse a minha letra, eu poderia duvidar. Narro o necessário, ninguém iria reclamar. Mas não reconheço o que escrevi, pois não parece dizer. Nada. Ou muito pouco dizem. Eu poderia jurar que não vivi o mesmo plantão que escrevi. Muito falta. Sobre espaço, lacuna. Tenho vontade de preenchê-los.

Se o fizesse, não restaria lugar vazio.

Pois se o fizesse, escreveria que N. e D., após muito relutarem, foram para seus quartos no horário de descanso, mas N. só conseguiu deitar quando sentei ao seu lado na cama, relendo seu livro preferido, sobre uma princesa preta, pretinha como a menina, livro dos que a-gente trouxera de casa, mas ainda não conseguira levar de volta. Diria que, ao voltar à cozinha, F. havia jogado comida no chão e vociferava insultos a minha dupla de plantão, que gritava tão alto quanto, frases também inadequadas, situação que tento retornar com manejo verbal. Após tranquilizada e acolhida, eu completaria, dizendo que já não tinha energia para conversar com minha colega, apontando o equívoco de sua parte, também. Além disso, não encontro tempo, pois começamos a debater a possibilidade de

desautorizar F. a ir na aula de tênis, como forma de punição, mas não chegamos a um consenso sozinhas.

Eu escreveria, então, o que está escrito no grupo de Whatsapp, para onde decidimos levar a questão, divergindo opiniões. Apontaram a importância da aula para direcionar e trabalhar sua agressividade e energia. Salientaram que a menina a considera atividade de lazer e, então, a punição faria efeito. Técnicas colocaram o risco de perder a vaga, faltara outras vezes por falta de falta de transporte. As colegas estranharam, ela andava melhor, após última conversa séria que tivemos com ela. Sequência de caracteres buscando expressar tal frustração. Nenhum conseguiu. A menina acabou indo, como registrado na ata, mas eu escreveria, ainda, que a conversa permanecia inconclusiva quando o motorista passou na casa para levá-la, e a dupla de educadoras não se sentiu respaldada para barrar a saída. Na realidade, a discussão no grupo sequer chegou a concluir, de fato, pois no momento em que F. saiu de carro, G. e C. saíram a pé, sem autorização, mudando a pauta a ser debatida virtualmente. Avisamos do ocorrido, mais uma vez. Sensação de *déjà-vu* ao escrever aquelas palavras. Onde já havia visto recado semelhante? Dois dias antes, talvez três, também. Na última reunião de equipe, foi tema central.

Manter as portas trancadas? *fugiram pelas janelas*

Manejo verbal? *fechavam os ouvidos*

Segurar? *processo judicial*

Mals-tratos

Deixar correr risco na rua? *processo judicial*

Negligência.

Se eu escrevesse tudo isso, não restaria espaço algum naquela folha. Nem no whatsapp fora tudo retomado. Uma técnica escreveu orientando a seguir o combinado em reunião. Ao vivo, minha colega perguntou se eu lembrava, após a pontuação de tantas opções insuficientes, qual delas havia sido acatada no último encontro. Eu não lembrava. É tanta coisa. No grupo, ninguém atreveu-se a dizer que também não conseguiam precisar, exatamente. Está em ata. Ou deveria estar. No fim, no grupo deixou-se quieto. Na casa, a casinha, uma técnica de enfermagem chegou para entregar os remédios das/os acolhidas/os e avisou que avistara as crianças em praça próxima dali, junto de grupo conhecido, com possível envolvimento com o tráfico. Eu escreveria, então, que peguei meu próprio carro e fui até o local onde foram vistos,

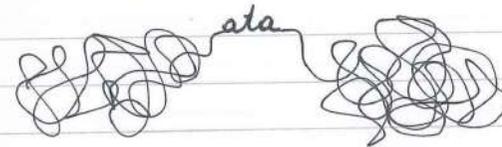
convencendo-os a retornar para casa. Não sem receber caras emburradas, reclames e muito palavrão. Registraria, também, que para tanto fui movida pelo pensamento do que faria se fossem meus filhos. O que faria se fosse sua mãe. Mas eu não poderia, porque é regra que a-gente não pode ficar sozinha na casa, da maneira como a outra educadora ficou, ou conduzir as crianças em nossos carros pessoais. Assim como é dito, no papel, que a-gente não pode se colocar no lugar de mães. Ao mesmo tempo em que é transmitido, no subtexto, que é nossa função exercer um determinado cuidado, maternal e feminino. Este que nem sempre nos é possível, sejam os empecilhos concretos ou subjetivos. Quem é que consegue, afinal?

- *Quem é que consegue exercer esse cuidado exemplar, generificado e útil ao controle de corpos?*

Quem? -

*Eu poderia escrever, sobre isso
nas launas da minha*

ata



Mas, provavelmente, não entendesse, quem o fosse ler. Mais possível ainda, na verdade, é que nem fosse lido. E até por isso, talvez, eu faria questão de continuar escrevendo, abrindo as frases gastas copiadas e coladas ali. 'Lanche oferecido, bem aceito por todos'. Anteposto por listagem crua de alimentos sem cor. E por vezes, de fato, são. O pão é o-pão-que-tem. A margarina é a-margarina-de-sempre. O leite é integral com achocolatado barato. Normal, seja lá o que isso quer dizer, na casinha, e noutras casas, também. Outras vezes, por outro lado, a-gente inventa, de improviso de pão com queijo derretido no micro, até a cuca caseira, citada rapidamente pela minha colega, na ata. Cuca feita a quatorze mãos, no mínimo. Das crianças e adolescentes acolhidos. Com a ajuda da cozinheira da casa, dona da receita e iniciativa, mais duas. E alguns dedos das educadoras do plantão, de auxiliares. Nos finais de semana, a-gente vira protagonista, e dentre as atividades inventadas, por vezes surge um jantar especial, um piquenique fora de casa.

Sobre isso, eu bem que poderia escrever, desde que transporte institucional não fosse utilizado. Empeçilho material. Contanto que nossas famílias não fossem envolvidas. Obstáculo de ordem outra. Pois então seria demais, acredita-se. Então misturar-se-ia o profissional com o pessoal. Ficaria confuso. Só então (?). Proibiram. Como se já não estivesse confuso, nas nossas cabeças, emaranhado. Vão proibir, também? Talvez seja

mais fácil acolher, escutar, ajudar a desembaraçar. Gostaria de escrever isso. Talvez não devesse. Mas escreveria, de qualquer forma. E não pararia por aí. Ainda teria o que dizer, por exemplo, sobre o final da tarde.

Troca de plantão. Chegada da escola. Banho. Piolho. Jantar. Escola. Troca de piolho. Banho. Chegada do jantar. Plantão. Banho. Escola. Chegada do plantão. Piolho. Troca de jantar.

(não necessariamente nessa ordem)

As irmãs J. e T. retornaram da escola, conforme consta em ata. Agitadas. Também. Extremamente agitadas, aos gritos, eu escreveria. Dia das mães aproximando-se. Tempos mais sensíveis do que o normal. Complementaria, ao apontar os transbordantes olhos demandantes, e a maneira como questionavam e pediam pela mãe, em uníssono. Enquanto minha dupla de plantão agilizava o jantar, a ser oferecido pelo próximo plantão, eu dava conta de amparar. Uma menina de cada lado do braço, colo compartilhado e almofadado pelas minhas coxas. Mãe, eu quero a minha mãe! O pedido cuja falta de sentido dá lugar ao excesso de sentimento. Transborda. A-gente engole, para conseguir acolher. Na medida do sensível. Qual delas? Questiono, como de praxe. Cena reprisada. A

resposta, entretanto, sempre uma inédita surpresa. Por vezes, mãe nova. A mãe da adoção. Fila de espera, sem prazo previsto, ainda no imaginar. Outras, mãe L. A biológica. A que possui nome fácil, ainda na lembrança. Já o rosto, cada vez mais a se apagar. A mãe velha? Parece que ainda não. Ao menos enquanto a nova permanece inominada. Espera que ultrapassa o tempo estipulado pelo papel, bem como o caráter de passagem que diz o abrigo deve ter.

Afinal, quem iria querer adotar e cuidar de duas irmãs nem-tão-pequenas? Eu quis, de certa forma. Tenho duas, em casa. Biológicas. Mas não porque escolhi, admito. Uma delas planejada, só. Ambas também adotadas, de alguma forma, cada vez mais me convenço disso. Uma adoção diferente, extrajudicial. Processo mais dentro, do que fora. Não basta ter. Nem querer. Tenho uma colega que ainda não é, e dia desses brincaram com ela, o entregador de pão. Depois desse trabalho, vai pensar duas vezes antes de sê-lo, comentou, em momento especialmente caótico na casa. E será que já havia pensado uma? “Tenho uma colega que ainda não o é”. Releio. Ainda? Me pego a escrever. Pressupondo de que vai ser, um dia. Afinal, “toda mulher é mãe”, já anunciava o slogan de propaganda do supermercado. Viria antes ou depois da propaganda de margarina?

Tu escrevia isso em alguma lacuna entre “agitadas” e “assistiram filme”. Algo do que se passava na minha cabeça, enquanto conversava e entretia as meninas a escolher um DVD. Preocupada, entretanto, em auxiliar a minha colega na cozinha, embora soubesse que o assunto demandava mais, embora eu quisesse conversar mais. E C., também. Sobre outro assunto, seu. A mesma que antes saíra sem autorização, divergindo opiniões entre trancar ou segurar, agora segurava, ela própria, o meu braço o qual, por sua vez, segurava as meninas de rosto molhado, agora mais tranquilas. Na outra mão de C., papeis do trabalho de escola para o qual pedia ajuda. Acomodei as pequenas no sofá, pegando com uma das mãos as folhas desorganizadas, e na outra, o DVD. Este, após iniciado, tratou de cumprir a função de distrair. Comprometi-me, em pensamento, a noutro momento, com mais calma, cumprir a de conversar, acolher. Cuidar.

Enquanto isso, C. continua segurando meu braço. Sou levada à mesa da cozinha, onde cabe prato, talher, tigela e alimento. Mesa de jantar. Mas também cabem cartas, dados e tabuleiros, nos finais de semana. Mesa de jogos. Mais comumente, cabe o livro de atas - sempre presente, no canto, encostado na parede. Mesa de apoio. E agora, cabem livros e folhas de material escolar, que num piscar fazem dela mesa de estudos. Não sem

reclames da minha colega, que avisou da iminente transformação em mesa de jantar, novamente.

Ali exerço um educar? Me pergunto. No que tange ao significado que eu costumava dar, sim. Muito já comentamos, entre a-gente, educadoras, acerca das lacunas que separam o que esperávamos dessa função, e o que nos foi demandado, posteriormente. Nossa equipe é formada em grande parte por mulheres com experiências prévias na área da educação, como pedagogia ou trabalho em pré-escola. Ambas fortemente marcadas pela presença feminina. Feminizadas¹³⁰. Acredito que, juntas, temos buscado escrever, e viver, outras palavras possíveis, nesses espaços existentes entre a educação, como a pensávamos, e a educação como somos demandadas, não apenas pelo que está escrito, mas pelas necessidades que o próprio cotidiano do trabalho impõe. Parece ser o que eu também busco, ao escrever, agora, o que escreveria, nas lacunas da curta ata que agora se multiplica em suas muitas faces. Faz-se muitas. E sentada ali, na mesa de comer, brincar, educar, penso no cuidado, enquanto tudo isso.

¹³⁰ Feminização no sentido do “ato de feminizar-se ou tornar-se semelhante às atribuições femininas pelo seu caráter analítico de um processo qualitativo que abrange essa categoria em movimento, em construção (YANNOULAS, apud DETONI, 2018)

E tudo isso enquanto partes do nosso trabalho. Parece ser o que minha dupla de plantão diz, sem falar. Apenas fez sinal para olhar o meu celular, o qual, tão logo liguei, compreendi. Nova discussão aberta no grupo do Whatsapp, iniciada pela foto do bilhete de T., convidando responsáveis para o dia da família, como agora denominado, comemorado na semana do antigo dia das mães. O bilhete causou silêncio. Quem foi às últimas apresentações de colégio? Questiona a diretora. Respondem três. Então, compreendi o olhar anterior da minha dupla. Possivelmente seria indicada, por livre e espontânea pressão. Há tempos não participa desses eventos, tampouco faz hora extra na casinha. Filha bebê em casa. A sua. Sei bem. Por isso, ofereço-me para ir. Assim, aproveito para ganhar alguns pontos com a chefe, além de sorrisos e abraços apertados da menina. Mais uns. Poderia ter escrito isso no grupo. Posso ir. Escrevi. Recebendo rápido retorno de confirmação e agradecimento da chefia de equipe. Releio as mensagens anteriores, atentando às respostas de quem havia participado das últimas apresentações. Ambas as três, mulheres. Justifico, em pensamento, pelo fato da maioria dos homens comporem o turno da noite, em que não se pode fazer hora extra, devido à jornada de trabalho de doze horas.

Pensando bem, até parece a minha casa, marido passa o dia fora, trabalhando, volta no final da tarde. E eu, quando não pego

um extra, de manhã trato das questões de casa. A minha. Ali inicio meus serviços de mãe, agora de duas crianças, só. Só. Das minhas filhas. Elas que ficam no contra-turno da escolinha, sob cuidados de outras profissionais. Também educadoras. Também mulheres. Quando surge a oportunidade de cobrir outro plantão, emendo e passo o dia todo cuidando. Do filho de outras mulheres. Ditas negligentes. Por não cuidarem dos seus. Enquanto outras cuidam. Do meu.

- *performance mulher -
mãe na casinha e na casa?*

Assim chegou ao final um plantão - relativamente tranquilo. Hoje a moça da higienização foi, algumas tarefas a menos a cumprir. Casa cheia, duas a-gentes educadoras, cozinheira, moça da higienização. Cuidado compartilhado entre muitas mulheres, cada uma a seu modo, um pouco mãe. Mas o fazemos, muitas vezes, não da maneira como pensam que deveríamos fazer. Fazemos do nosso jeitinho, combinado sem combinar, e por vezes, *descombina*do.

Antes de ir embora, ganho acenos das/os adolescentes de bom humor, e beijos estalados das crianças, embora os olhos não desgrudem da tela da televisão. "Tchau, mãe". Palavras que entram rasgando. Mãe. Talvez um dia pare de rasgar, de fato já rasgou mais. De algumas colegas não rasga. Entretanto, para mim continua sendo muito difícil ocupar esse lugar de ser mãe, sem sê-lo. O sendo já é suficientemente (bom?) complicado. Já tentei corrigir, dizer que não sou "mãe", trocando por tia, nome próprio, apelido. Não adiantou, meus "filhos" apenas multiplicaram-se. Os bebês continuaram tendo como primeira palavra "mãe". Jamais vou entender. E meu coração foi acostumando-se, dividido entre os sentimentos de dor e felicidade. Dor por uma relação que se constrói, e que pode ser muito breve. Felicidade por esse mesmo vínculo que, por vezes, e a nem todas as educadoras, é o que sustenta o nosso trabalho, o que faz sair de casa, o que faz adentrar na casinha.

É tudo isso eu escrevia .

Nas lacunas . Ou fora delas .

Nas margens .

Nas entulhinhas .

Faria caber.

Se pudesse. Se tivesse tempo. Se alguém, ainda que eu mesma, fosse ler.

com mais.

Referências

- AMADOR, Fernanda; BARROS, Maria Elizabeth Barros. Clínicas do trabalho: Abordagens e contribuições da análise institucional ao problema clínico do trabalho. *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte. v.26, n.3, p. 55-69. set-dez. 2017
- BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. *estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros; KASTRUP, Virgínia. *Pista 3 - Cartografar é acompanhar processos*. Em Passos, Kastrup, Escóssia. *Pistas do método da cartografia*. p. 52-75. 2010
- BARROS, Maria Elizabeth Barros; LOUZADA, Ana Paula. P.; VASCONCELLOS, Dani. Clínica da atividade em uma via deleuziana: por uma psicologia do trabalho. *Informação na educação: teoria & prática* Porto Alegre, v.11, n.1, jan./jun. 2008.
- BOTTOMI, Francine ; COSTA, Luis Artur. Ética ficcional-cartográfica: a procura humilde e a força frágil. *Quaderns de Psicologia*. Vol. 20, No 1, p. 89-100. 2018
- BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente (ECA) e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 15 jun. 2019
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do

Adolescente. *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília: MDS, 2009.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Caderno de leituras n. 78*. Edições chão de feira. n.78, jun. 2018.

CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22 - n.1, 0. 207 - 234, jan/abr. 2010.

CARLOTO, Cássia Maria; MARIANO, Silvana. A família e o foco nas mulheres na Política de Assistência Social. *Sociedade em Debate*, Pelotas, 14(2): 153-168, jul.-dez./2008.

CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves; CORRÊA, Laiana da Silva. Perfil e Trajetória de Educadores de Instituição de Acolhimento Institucional. *Cadernos de Pesquisa*, v.42 n.146, p.494-517 maio/ago. 2012.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE/CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes*. Brasília: Conanda/CNAS, 2009.

CNJ - CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Encontros e desencontros da adoção no Brasil: uma análise do Cadastro Nacional de Adoção do Conselho Nacional de Justiça*. Brasília: CNJ, 2013.

COSTA, Luis Artur; FONSECA., Tânia. O Personagem conceitual e a poética ficcional: uma estratégia de escrita de escrita no empirismo transcendental. Em *Criações Transversais com Gilles Deleuze*: Artes, Saberes e Políticas. Lemos et al (org.) 2016.

COSTA, Luciano Bedin da. *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller*. dissertação de doutorado. 2014a.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*. Santa Maria. vol. 7, n. 2. p.66-77. mai./ago. 2014b.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na psicologia social. *Fractal*, Rev. psicol., v. 26, p. 551-576. 2014.

DETONI, Priscila Pavan. *A produção performativa do gênero nas práticas da assistência social*. 163 pag. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: 2016. 163 pag.

DETONI, Priscila Pavan; MACHADO, Paula Sandrine; NARDI, Henrique Caetano. “Em nome da mãe”: performatividades e feminizações em um CRAS. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Diane.

- Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 26 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.
- GIROTTO, Willian Mella; AMADOR, Fernanda Spanier. Trabalhar, educar, acolher em abrigo institucional: percursos de uma cartografia. *Perspectiva em Psicologia*, Uberlândia, v. 20, n. 2. p. 86-109. jul/dez 2016.
- HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. 1. ed. São Paulo: Plataforma Gueto, 2014.
- MACHADO, Anna Rachel. Entrevista com Yves Clot. *Psic. da Ed.*, São Paulo, n. 20, p. 155-160. 2005.
- MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, dez. 2005.
- MEDEIROS, Carine Dantas de; MARTINS, João Batista. O Estabelecimento de vínculos entre cuidadores e crianças no Contexto das instituições de acolhimento: um estudo teórico. *Psicol., Ciênc. Prof.* v. 38 n°1, p. 74-87, Jan/Mar. 2018
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do sul*. Foz do Iguaçu, Paraná. v. 1, n.1, p. 12-32, 2017.
- NASCIMENTO, Maria Livia do. *Proteção e negligência: pacificando a vida de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Aliança, 2016.
- OLIVEIRA, Daniela Ramos; UZIEL, Anna Paula. Mãe social: a construção de um paradigma de cuidado materno nos espaços de acolhimento institucional. *DESidades*, Rio de Janeiro, n. 12., p. 17-28, set 2016.
- PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão et al. Clínica da Atividade:: conceitos e fundamentos teóricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 68, p.110-124, 2016.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2a edição. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.
- SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Proj. História*, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SOARES, Lissandra Vieira. *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional*. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2017.
- SOARES, Lissandra; SANDRINE, Paula. “Escrevivência” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*. vol. 17. n. 39., p. 203-219. mai. – ago. 2017.

TEIXEIRA, Daniele; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Clínica da atividade e cartografia: Construindo metodologias de análise do trabalho. *Psicologia & Sociedade*; v. 1, n 21, p. 81-90, 2009.